

Organizadora
Elen de Medeiros

A volta para Marilda
Roteiro completo e processo de criação



FALE/UFMG
Belo Horizonte
2021

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora

Sueli Maria Coelho

Coordenador

Cristiano Barros Silva

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais

Ytalo Andrade

Diagramação

Ytalo Andrade

Revisão de provas

Denise Campos

Lobélia Rodrigues

ISBN

978-65-87237-26-8 (digital)

978-65-87237-25-1 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

- 7 *A Volta para Marilda* – Experiências coletivas
em tempos de isolamento**
Elen de Medeiros
- 13 Breve nota sobre o projeto "Leitura dramática e
encenação no Acervo de Escritores Mineiros"**
Marcelo Novaes
- 19 Sobre a extroversão do material literário**
Ana Beatriz Cucaroli
- 27 Do romance à radionovela: processo de
adaptação de *A volta para Marilda***
Felipe Oliveira
- 33 *A volta para Marilda*: uma leitura sonora**
Mariana Nolaço
- 39 Em busca da voz**
Arthur Barbosa
- 45 Roteiro da radionovela**
- 51 Capítulo I**
- 65 Capítulo II**
- 77 Capítulo III**
- 91 Capítulo IV**
- 103 Último capítulo**
- 115 Sobre os autores**

*Esta obra é um produto do projeto de extensão "Leitura
dramática e encenação no AEM (Acervo de Escritores Mineiros)",
sob coordenação de Marcelo Novaes e orientação de Elen de
Medeiros.*

A volta para Marilda – Experiências coletivas em tempos de isolamento

Elen de Medeiros

Por dois anos, entre 2019 e 2020, o projeto “Leitura dramática e encenação no Acervo de Escritores Mineiros” alimentou a extroversão museal e literária por meio da linguagem teatral, suscitando ao público-alvo uma experiência não só lúdica com a cena, mas também uma outra forma de imersão no universo antes congelado do museu e dos livros. Dar vida e movimento à literatura e aos espaços dos escritores foi por um bom tempo o dínamo de nossas atividades, criando e recriando breves cenas para nosso público (escolar e não escolar). Havia uma motivação de divertimento, não nego, mas juntamente a ela havia também um compromisso profundo e ético com o universo literário: como formar leitores, como sensibilizar um público e como estimular o acesso à arte? Tais questões permearam todos os encontros e todas as etapas dos processos.

O ano de 2020 começou com grandes expectativas: uma equipe nova, novos projetos, editais e interesses criativos. Mas logo em março, devido à COVID, tivemos de nos isolar, que deixar para trás o espaço expográfico que tanto alimentou a produção do projeto em 2019 e que rendeu pelo menos três cenas distintas: uma sobre a vida e a obra de Murilo Rubião, outra sobre a vida e a obra de Lúcia Machado de Almeida e uma leitura dramática dos poemas de Adão Ventura. Para 2020, o projeto previa outras cenas para compor um repertório de atendimento e de extroversão, dentre eles o trato com a obra de Fernando Sabino. Sem a exposição *O laboratório do escritor*, como desenvolver o projeto,

cujo objetivo é justamente dar a ele uma nova perspectiva e uma nova fruição?

As reuniões foram continuadas, virtualmente, e então algumas ideias foram articuladas: leituras dramáticas *online*, esboços de cenas para um futuro retorno presencial, minidocumentário. Mas nada disso saía do espectro que as redes sociais foram imediatamente bombardeadas nesses tempos de pandemia. A ideia da radionovela, logo, veio justamente para ir a contrapelo do senso comum, na contramão da maior parte das produções *online*, mas também nos impunha uma série de dificuldades e de desafios. Já tínhamos uma metodologia específica para o que desenvolvíamos, e essa era a principal preocupação: como desenvolver um processo metodológico de criação de uma radionovela? Apesar do desafio, a sugestão seduziu a todos pelo quase ineditismo e pelo alcance que poderia ter.

A equipe conta com cinco integrantes: Marcelo Novaes é o coordenador do projeto; Elen de Medeiros é a orientadora acadêmica; Felipe Oliveira, Mariana Nolaço e Ana Beatriz Cucaroli são os bolsistas, alunos de graduação. A cada um coube a divisão do trabalho para justamente entender essa nova etapa de extroversão do acervo daqueles escritores mineiros. “A cada um a sua especialidade”, frase de Hamm em *Fim de partida*, de Beckett. Marcelo, como técnico do AEM, levantou os possíveis autores com os quais poderíamos trabalhar.

Como uma das sugestões, seja pela viabilidade (tínhamos o texto em mãos), seja pela factibilidade (Oswaldo França Júnior já rendeu várias adaptações para a TV e para o cinema), o texto escolhido foi *A volta para Marilda*, um romance escrito no início da década de 70, que mostra como pano de fundo um Brasil em processo de crescimento alucinado, “o milagre econômico”, a ditadura militar sondando a todos, uma Belo Horizonte em franco crescimento. Mas o romance coloca na linha de frente uma narrativa em primeira pessoa que vai pouco a pouco desvelando detalhes de um relacionamento conturbado e que concomitantemente mostra como se consolida uma cultura machista naquele Brasil dos anos 70. E tudo isso saltou aos olhos quando fizemos a leitura da obra. Como lidar, então, com todos esses temas em pleno século XXI?

Após a leitura e o debate da obra, começamos a elaborar um processo metodológico, seguindo, novamente, as especialidades de cada integrante: Felipe deveria traçar um esqueleto de todo o roteiro; Ana Beatriz, realizar uma pesquisa sobre a linguagem da radionovela; Mariana, uma investigação de repertório musical para a construção dos ambientes. E foi, a partir desse entendimento de trabalhos individuais em constituição de um projeto coletivo, que a radionovela foi criando corpo, tomando formas: para cada encontro, um capítulo diferente. Felipe propôs inicialmente quatro episódios, contemplando nisso toda a estrutura do texto-base. Em cada episódio havia um resumo básico, o que ele deveria contemplar. A preocupação era com o formato da linguagem que uma radionovela deve ter, parente próxima do folhetim e das telenovelas, dos quais a base é o melodrama, cheio de reviravoltas, golpes de teatro e suspensão do clímax, os chamados “ganchos”. Assim, cada capítulo foi dividido em cenas, divididas para cada um dos bolsistas, que também deveriam ler e contribuir com a parte do outro. Dessa maneira, pode-se dizer que cada episódio foi construído coletivamente.

No entanto, em se tratando de um roteiro que seria radiofonizado, ele precisava passar por um teste: o da palavra falada. Durante a semana, a responsabilidade dos bolsistas e também minha era com a escrita do episódio completo: em arquivo virtual, a escrita era riscada, comentada, acrescida dia a dia. Nas reuniões virtuais, fazíamos a leitura dramatizada para “sentir o texto”, pegar as nuances, entender o que funcionaria ou não. Era o momento dos ajustes, dos acertos, das podas. Foi então, com o número crescente de personagens, que chamamos o Arthur para integrar a equipe. Voluntário em outras atividades do projeto, precisávamos de um ator versátil para as personagens que iam surgindo a fim de dar conexão e verossimilhança à narrativa, para criar os parceiros de Jurandir, para aquele pai de Marilda que teve de nascer na narrativa e articular uma intriga a mais, para um locutor que ajudou a criar a ambientação adequadamente melodramática das radionovelas antigas.

Assim seguimos por três semanas. Na quarta semana, um lapso: alguma coisa não fazia sentido na história, precisávamos preencher uma lacuna, construir uma outra voz que fizesse contraponto a toda a narrativa do protagonista, um cuidado fundamental em virtude da época

que vivemos. Um episódio a mais foi necessário para criar devidamente os ganchos numa estrutura que exige coerência. Mais duas semanas de escrita e testes e, enfim, tínhamos chegado a um roteiro completo: roteiro que os leitores aqui poderão acompanhar seguindo, se quiserem, a versão radiofônica acessível pelo *QR Code* disponível no final deste volume. Depois vieram os ensaios, peças gráficas de divulgação, a gravação, a edição e a estreia: tudo trabalhado coletivamente, com um engajamento singular dos bolsistas, que se apaixonaram pela ideia e que tanto labutaram para que ela ganhasse vida.

Dessa forma, para fechar este trabalho, o projeto e esta fase, eis aqui a consolidação de tudo o que envolveu a produção inteira de uma radionovela: seguem os textos de cada um dos integrantes dentro de sua maior área de interesse. Ana Beatriz é aluna da Letras e tem particular interesse pelo universo literário, exposto no seu texto sobre a extroversão da literatura, que é objetivo do projeto. Felipe tem um interesse pela escrita, e a ele, como foi conferida a responsabilidade do esqueleto do roteiro, também ficou a feitura do texto sobre o processo de adaptação. Mariana, atriz e dubladora, se envolveu profundamente na criação de uma paisagem sonora da radionovela e foi responsável pela edição dos episódios todos. Arthur emprestou sua versatilidade vocal às várias personagens; aqui, ele conta um pouco do seu processo de criação. Marcelo, como coordenador do projeto, ampara o leitor para o entendimento do que foi essa realização com informações mais precisas sobre o trabalho global da equipe. Como cereja do bolo, o roteiro completo da radionovela *A volta para Marilda*.

Com esse conjunto de textos, queremos trazer a lume não só todas as etapas que foram importantes para o projeto – acrescidas de seus desafios e dificuldades –, mas também a importância de um trabalho que foi o tempo todo coletivizado, que foi compartilhado, feito a muitas mãos e que, por isso, ganhou em complexidade. A radionovela, nesse sentido, acabou contemplando o objetivo principal do projeto, que era a extroversão do material literário e arquivístico do AEM, como também se tornou um produto artístico desafiador para todos os integrantes. Respeitando a particularidade de cada um, entendendo também a contribuição que todos os bolsistas poderiam dar ao projeto, o que experimentamos nessa

produção foi um vórtice de talentos e de dedicação. O projeto foi premiado neste ano de 2020 na Semana do Conhecimento com a menção honrosa na área de Letras, Linguística e Artes, o que é fruto do empenho de toda a equipe. E é a ela a quem devo profundamente meu agradecimento, por essa partilha de ideias e de criações.

Agradeço também o apoio da Rede de Museus, da Pró-Reitoria de Extensão, do Centro de Extensão da Faculdade de Letras e, obviamente, do Acervo de Escritores Mineiros. Desejo a todos, uma ótima leitura.

Breve nota sobre o projeto "Leitura dramática e encenação no Acervo de Escritores Mineiros"

Marcelo Novaes

O projeto "Leitura dramática e encenação no Acervo de Escritores Mineiros" – daqui em diante denominado "Leitura" – surge de um movimento mais amplo em direção ao estabelecimento de um conjunto de ações pensadas com o objetivo de ampliar o público e a visibilidade de uma instituição de reconhecido valor para a pesquisa e a memória literária. A diversidade de trabalhos publicados a partir de fontes encontradas nos arquivos do Acervo de Escritores Mineiros (AEM), bem como os eventos acadêmicos realizados, desde o seu embrião, em 1989, atestam sua pujança e relevância. A partir deste pressuposto e de um prognóstico que apontava o potencial da instituição para abarcar novos públicos e para recrudescer aquele já consolidado, nos idos de 2018, sistematiza-se uma série de ações de comunicação.¹ Pretendia-se trazer a comunidade (acadêmica e externa) para dentro do espaço, para que ela participasse ativamente da construção permanente da identidade e da missão do Acervo. Era necessário, portanto, que a instituição se redescobrisse e se reconfigurasse em um contexto de demanda crescente por participação da sociedade nos processos constituintes das instituições públicas, e só seria possível trilhar este caminho com a participação ativa do público. Para

¹ O termo *comunicação* aqui é entendido como um conjunto amplo de ações que visam à interação e à mediação junto ao público, abrangendo desde processos de publicização e informação sobre o espaço, passando pelo atendimento ao público pesquisador e visitante, até o desenvolvimento de atividades educativas específicas.

que essa perspectiva² avançasse, portanto, era necessário investir em atividades que aproximassem as pessoas do AEM. “Experiências decorrentes desta faceta da Museologia colocam o museu como um espaço para acolher as demandas sociais, onde seus profissionais muitas vezes atuam como catalisadores e possibilitadores dos projetos comunitários.”³

Assim, entre outras intervenções, foram criados perfis nas redes sociais e no Soundcloud, um canal no YouTube, as portas da exposição passaram a permanecer abertas ao público em dias e horários regulares, eventos foram realizados neste espaço, professores foram estimulados a ministrarem aulas-laboratório nas dependências do AEM, estabeleceu-se uma agenda de atendimento aos estudantes da educação básica. O *Leitura* foi pensado, seguindo essas práticas, para atender a este público escolar. No entanto, extrapolou a intenção inicial, como veremos.

Antes de apresentarmos as premissas e os desdobramentos deste projeto de extensão, fazem-se necessários alguns apontamentos acerca das características do AEM e de suas idiossincrasias. Conceitualmente, podemos dizer que esta é uma instituição de caráter híbrido, apresentando-se ao mesmo tempo como arquivo literário-pessoal, biblioteca e museu. Respectivamente, tais facetas materializam-se nos documentos diretamente relacionados ao ofício literário (originais, provas editoriais, textos comentados, rascunhos, premiações etc.) e num profuso conjunto documental, diverso em tipo e suporte, acumulado ao longo da vida dos titulares dos fundos (correspondências, peças de vestuário, fotografias, obras de arte etc.); nas bibliotecas constituídas pelos escritores e escritoras; e pela exposição *O Laboratório do Escritor*.

O desafio que se apresentava a nós exigia que mobilizássemos os elementos de cada uma dessas frentes do Acervo, colocando-os em diálogo, problematizando-os e elaborando estratégias de mediação junto ao público. Com esta nova perspectiva, pretendia-se incorporar ao âmbito museal novas dinâmicas que permitissem não só abordar novas temáticas, mas também promover a extroversão daquela parte do Acervo

² Referimo-nos à perspectiva da chamada Nova Museologia ou Museologia Social, que apregoa a permeabilidade à comunidade suas demandas sociais como a missão fundamental dos museus. Cf. CÂNDIDO *et al.*, 2015.

³ CÂNDIDO *et al.*, A experiência museal, 2015, p. 314.

não musealizada. Dado que a exposição ali presente possui um caráter permanente, não tendo sido realizada desde sua concepção, em 2003, nenhuma alteração estética ou conceitual significativa,⁴ e visto não haver perspectiva de alteração deste quadro em um horizonte próximo, uma das soluções imaginadas para a ampliação e revitalização das possibilidades de vivências a partir do espaço museal, agora pensado em sentido ampliado, foi o emprego da linguagem teatral, percebida ao mesmo tempo como estratégia de mediação e como catalisadora de uma imersão nos arquivos dos escritores e escritoras.

Como já dissemos, são numerosas e diversas as pesquisas ensejadas pelos arquivos do AEM. A novidade introduzida pelo *Leitura*, no entanto, foi perquirir os acervos com o objetivo de produzir conhecimento sobre seu conteúdo, na intenção de indicar e de comunicar seu potencial para a pesquisa acadêmica, como também de incitar o debate e a problematização acerca do universo literário. Mais ainda, a investigação nos arquivos permitiu a identificação de objetos e de documentos disparadores de argumentos e de narrativas que viabilizaram o desenvolvimento de intervenções mediadoras pensadas no intuito de favorecer e de possibilitar aos indivíduos experiências significativas durante a visita ao museu. Dessa forma, estaríamos promovendo o diálogo com o público e reafirmando o papel do Acervo de Escritores Mineiros como espaço de pesquisa e memória, cumprindo, assim, o papel de divulgação científica e de educação patrimonial.

Este processo resultou no desenvolvimento de cenas curtas, apresentadas em diferentes ambientes da exposição *O laboratório do escritor*, que versam sobre a vida e a obra dos autores e autoras que têm seus fundos salvaguardados pelo AEM, como também sobre temas variados caros à contemporaneidade. Sob a coordenação acadêmica da professora Elen de Medeiros, os bolsistas do projeto participaram ativamente de todas as etapas do processo, da investigação à atuação, passando pelas discussões conceituais e pela escrita dramaturgica. A princípio, as cenas foram apresentadas a grupos de estudantes em visitas agendadas, mas logo o projeto deu mostras de sua versatilidade e passou a integrar outros

⁴ Em 2011, a exposição foi ampliada seguindo o conceito museográfico já estabelecido.

eventos da programação do AEM, a exemplo das leituras dramáticas realizadas na abertura do *Encontro Marcado*.⁵ Adicionalmente, foram produzidos alguns registros audiovisuais, para divulgação nas redes sociais e para participação em mostras como as da Rede de Museus e do Espaço do Conhecimento da UFMG.

Então, veio a pandemia. O projeto acabara de selecionar seu novo time de bolsistas. Pesquisas presenciais suspensas, incertezas quanto à possibilidade de adaptação do projeto. Num primeiro momento, quase intuitivamente, passamos a ocupar as redes sociais com leituras dramáticas – individuais e em grupo – de textos de diferentes estilos e autores. Produzimos, ainda, um minidocumentário sobre a peça *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, sob a ótica de Sábato Magaldi, crítico cujo fundo documental encontra-se no AEM. Este material intercala trechos de cenas desta peça, interpretadas pelos bolsistas – gravadas remotamente, cada um em sua residência – e comentários da professora Elen de Medeiros a respeito das observações do crítico mineiro sobre a icônica peça.

Eis que em uma das reuniões periódicas da equipe do projeto surge a ideia da realização de uma radionovela. Muitos eram os desafios técnicos e conceituais no caminho para a concretização da inusitada empreitada, aos quais se somava a impossibilidade de acesso ao material de arquivo, dadas as medidas de distanciamento social. Optou-se pelo desenvolvimento de um roteiro baseado na obra de algum(a) escritor(a) do AEM. Decidiu-se pelo romance *A volta para Marilda*, de Oswaldo França Júnior. O texto conciso, a linguagem coloquial, a trama simples e as personagens ordinárias foram alguns dos elementos identificados como propícios ao desenvolvimento de uma radionovela.

Antes de passarmos às reflexões sobre o processo de concepção, desenvolvimento, produção e distribuição da radionovela *A volta para Marilda*, um *spoiler*. O projeto foi apresentado pelo bolsista Felipe Oliveira na XXIX Semana de Iniciação Científica, em que recebeu o prêmio de “Relevância Acadêmica” e, uma vez selecionado na unidade, foi apresentado na Semana do Conhecimento UFMG 2020, recebendo então o prêmio

⁵ Evento realizado, durante o semestre letivo, uma vez por mês e que conta com a participação de um escritor ou escritora para um bate-papo sobre literatura e o fazer literário.

“Menção Honrosa” na área de Letras, Linguística e Artes. Este reconhecimento é fruto do empenho e esforço criativo de toda a equipe, e não seria possível obtê-lo sem o apoio da PRPq, da Rede de Museus/PROEX, do CENEX da FALE e do Acervo de Escritores Mineiros.

Referência

CÂNDIDO, Manuelina M. D.; MARTINS, Luciana C.; AIDAR, Gabriela. A experiência museal: discutindo a relação dos museus com seus visitantes na contemporaneidade. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 4, n.7, p. 308-315, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16787>. Acesso em: 17 nov. 2020.

Sobre a extroversão do material literário

Ana Beatriz Cucaroli

Pensando nos princípios que regem o projeto de extensão "Leitura dramática e encenação no Acervo de Escritores Mineiros", nota-se a presença marcante da extroversão do material literário, recurso tal que viabiliza trabalhar a literatura de diferentes maneiras. Porém, antes de discorrermos sobre as formas de extroversão, é necessário compreender o motivo pelo qual tal processo foi incorporado e como isso se relaciona com o objeto literário em si. Dessa forma, ao longo da existência do projeto de extensão, foi possível perceber como a extroversão do material literário não apenas auxilia na ação humanizadora da literatura, mas também ajuda a inviabilizar esse processo crescente de estratificação da cultura, permitindo que a troca entre a cultura popular e erudita com diferentes grupos sociais ocorra. A partir de tal reflexão, podemos também entender sobre as questões da extroversão literária nos meios digitais, como forma de sua popularização, que ganha suas próprias características, como será visto mais adiante.

Em primeiro lugar, precisamos pensar no papel da literatura: para que ela serve e onde ela se insere socialmente. Utilizando-se dos escritos de Antonio Candido, *O direito à literatura*,¹ passamos a pensar em tal questão, que pode ser entendida por duas vias: em uma perspectiva individual, tem-se a literatura como ferramenta humanizadora que desenvolve em nós a sensibilidade e a compreensão necessárias com relação

¹ CANDIDO, O direito à literatura, 2011.

às adversidades da vida; em outra perspectiva, se depreende a literatura como “instrumento de desmascaramento”,² o qual possibilita evidenciar iniquidades sociais. Pensando nessa divisão, é possível encontrar maneiras em que a extroversão desse material se insere de forma a ampliar tais características já inerentes à literatura.

Na perspectiva da literatura no âmbito individual do ser, é compreendido que ela “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.³ Porém, para que isso ocorra, precisamos primeiro decifrar a “coisa organizada da obra literária”,⁴ isto é, ser capaz de ler através da forma e da linguagem pré-estabelecida pelo autor, o que nos impõe uma questão muito grande. Tal processo, por vezes, encontra inúmeras barreiras, pois, além das distâncias históricas e culturais que dificultam tal fato, também temos uma dificuldade ligada ao nível de instrução educacional da sociedade, que, em determinadas ocasiões, não atende a parâmetros satisfatórios. Dessa maneira, encontra-se na extroversão do material literário uma maneira de viabilizar essa forma de expressão para mais pessoas. Como coloca Leahy-Dios, trabalhando a literatura através de projetos de extroversão, é possível haver a “contribuição sensorial, emocional do leitor [a qual] irá estabelecer um canal interativo entre autor-texto-leitor, assim como entre leitores”.⁵ Tal processo, como demonstra a autora, permite que os leitores desenvolvam uma capacidade crítica a respeito da obra, para que cada um possa relacioná-la ao seu mundo.

Outro ponto relevante a ser pensado quando tratamos de literatura é sobre as questões sociais com as quais nos defrontamos quando tratamos de um texto literário. Por conta de a produção literária não estar isolada dos problemas que envolvem as desigualdades sociais, é notório o lugar estratificado que a literatura ocupa, logo, seu acesso permanece privilegiado a um determinado grupo de pessoas. E, dessa forma, “impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a

² CANDIDO, O direito à literatura, 2011, p. 186.

³ CANDIDO, O direito à literatura, 2011, p. 180.

⁴ CANDIDO, O direito à literatura, 2011, p. 177.

⁵ LEAHY-DIOS *apud* VICENTE; REIS, Crepúsculo do Tormento, de Léonora Miano, 2020, p. 29.

apenas uma parte da cultura, a chamada popular”.⁶ Pensando nisso, faz-se necessário pensar em formas de extroversão desse material para fora dos espaços restritos impostos à cultura, de forma a permitir a fruição desse material, pois, como já foi colocado, possui capacidades de desenvolver a sensibilidade humana.

Nesse mesmo raciocínio, devemos considerar que a delimitação da literatura ocorre devido a diversos fatores, dentre eles está a questão do problema educacional, o qual já foi mencionado brevemente. Todavia, vale nos delongarmos aqui para entendermos o que o ensino de literatura tem a ver com sua estratificação e o que a extroversão pode fazer nesse meio. A partir disso, nota-se que a literatura, quando abordada de forma “escolarizada”, adquire um caráter, por vezes, negativo, pois se encontra distante da realidade do aluno ou foca em outros aspectos literários que desinteressam o público. E os impactos de tal abordagem podem ser vistos através de pesquisas que demonstram o nível de desinteresse por parte de diferentes grupos sociais que variam em grau de escolaridade, gênero e faixa etária. Vê-se aí mais um espaço em que a literatura pode ser extrovertida para que, além de trabalhar a sensibilização, possa-se modificar esse processo de apatia em relação ao objeto literário, possibilitando a reversão de estatísticas assombrosas. Assim, os 31% de entrevistados (de 2.400 pessoas) na pesquisa do SESC São Paulo⁷ que responderam nunca terem lido um livro por prazer talvez possam passar a enxergar a literatura com outro olhar.

No que diz respeito às formas de extroversão do material literário, é possível elencar inúmeras possibilidades. Atualmente, encontramos diversos trabalhos em diversos meios que realizam a extroversão, sendo, muitas vezes, desenvolvida através da adaptação de obras para outro gênero textual ou meio de comunicação. Aqui tomam-se como exemplo as adaptações de grandes obras para o cinema, como também para revista em quadrinhos e mangás. Como foi visto, isso permite a circulação de obras, antes restritas a um público exclusivo.

⁶ CANDIDO, O direito à literatura, 2011, p. 190.

⁷ VIDOR, *Leitura e teatro*, 2015, p. 4.

Diante de tais desafios, sejam teóricos ou mesmo pragmáticos, o projeto "Leitura dramática e encenação no AEM" busca em seu trabalho fazer a mediação museal e a extroversão literária pelas vias do teatro, como bem demonstra o nome do projeto. A escolha não se dá ao acaso e, em realidade, visa conciliar potências do ambiente cênico com a força e beleza da linguagem literária para que assim mais pessoas tenham acesso à cultura.

Desse modo, podemos observar, ao longo da existência do projeto, que o espaço teatral permite o contato com o público, que em outra situação pode ser o leitor da obra, estabelecendo um canal direto entre esses dois polos (leitor-obra). Tal aspecto é de suma importância quando consideramos o alcance que a obra literária teria isoladamente. Dessa maneira: "apesar de seu alcance menor em relação ao livro (literatura), [o teatro] precisa de menos capital e depende menos de um circuito moroso, truncado e seletivo, marcado por instituições mercadológicas [...] como a Editora".⁸

Pensando nisso, no contexto do Acervo de Escritores Mineiros (UFMG), nos deparamos com a rigidez da circulação da literatura e com as dificuldades do engajamento entre o museu e o público. Por isso, insere-se aí a extroversão teatral da literatura, pois ela estabelece uma conexão com o público, crucial para suprir as dificuldades encontradas nesses dois campos – literatura e museu.

Ainda sobre a importância do teatro como meio de extroversão, consideramos importante trabalhar a literatura dessa maneira, pois é nesse espaço artístico que encontramos a possibilidade de trabalhar as dificuldades sociais evocadas no trato com o objeto literário. Nesse sentido, a capacidade da literatura, elucidada por Antonio Candido, de ser um "instrumento de desmascaramento"⁹ encontra no teatro um espaço propício para tomar forma, uma vez que tal local é o âmbito artístico que possibilita mais rapidamente "colocar questões sobre novas formas e assuntos dos dias que correm",¹⁰ ou seja, permite que o desmascaramento e a evidência dos problemas sociais ocorram

⁸ FLORY, *Literatura e teatro*, 2010, p. 20.

⁹ CANDIDO, *O direito à literatura*, 2011, p. 186.

¹⁰ FLORY, *Literatura e teatro*, 2010, p. 36.

de maneira incomparável. Além disso, através dessa união teatro-literatura como forma de extroversão, podemos confrontar outras questões extraliterárias, como a crescente alienação social tão característica desse mundo contemporâneo. Por isso, Flory coloca que “o seu caráter coletivo também é necessário para uma crítica [...] do alheamento em relação ao outro, do solipsismo...”.¹¹

Pensando especificamente nas atividades que o Acervo de Escritores Mineiros (AEM) vem realizando nesses últimos anos, e principalmente nesses últimos dois anos do projeto "Leitura dramática e encenação no Acervo de Escritores Mineiros", notamos como todos esses conceitos mencionados anteriormente nortearam o projeto de uma maneira ou de outra. Dessa forma, foram criados trabalhos que chamavam o público para ingressar no mundo literário de forma a permitir que esse visse as inúmeras possibilidades existentes com relação à abordagem daquele universo. E, nesse ponto, a relação teatro-literatura foi crucial para conseguir conferir ação a um museu de literatura que, não raro, é associado à estagnação e à obsolescência.

Dentre as atividades desenvolvidas, encontram-se as leituras dramáticas realizadas nos últimos dois anos. Esse trabalho consistiu na aproximação de diferentes públicos com as obras que compõem a exposição do Acervo, chamada *Laboratório do Escritor*. Realizadas as escolhas, fazíamos adaptações para um público, até então, majoritariamente escolar. Devido a isso, era realizado um trabalho de extroversão que visava conversar com uma linguagem mais jovial e menos acadêmica desse público, o que permitia que eles acessassem com mais facilidade o conteúdo das obras. Entretanto, vale ressaltar que tal processo visa atender às necessidades desse público ao passo que mantém o caráter artístico-literário das obras. Dessa forma, nas reuniões de construção de roteiro, a grande preocupação era conseguir encontrar um equilíbrio entre o conteúdo do objeto literário e a linguagem empregada na encenação. Além disso, a preservação do processo de extroversão como processo artístico ficou marcada através da preocupação de que aquele espaço específico da exposição fosse ocupado, porém, de uma forma cênica. A partir disso,

¹¹ FLORY, *Literatura e teatro*, 2010, p. 36.

abordamos o espaço museal como se ocupa um espaço teatral normalmente, entendendo suas potencialidades para auxiliar na construção do imaginário do espectador.

A intenção por trás desse processo ocupa, nas artes dramáticas, um espaço comum, o qual consiste em conciliar as práticas artísticas a um processo pedagógico que visa a formação de leitores melhores. Podemos elencar diversos exemplos de trabalhos excelentes nesse âmbito, dentre eles está o *Readers Theatre*. Datado por volta de 1945, muito se assemelha ao processo do projeto "Leitura dramática e encenação", sendo possível elencar semelhanças como "roteiro criado a partir de um texto original", "foco em desenvolver e manter uma relação próxima [...] com a platéia" e "fazer com que o público se concentre na literatura e no que está nas entrelinhas".¹² Tais semelhanças não são meras coincidências, quando paramos para analisar os resultados esperados e, muitas vezes, obtidos por tal abordagem. Assim como o projeto do Acervo de Escritores Mineiros, o *Readers Theatre* possui objetivos pedagógicos que almejam ajudar "os alunos a adquirir e aprimorar suas habilidades de leitura, o que implica na aquisição de vocabulário, compreensão e apropriação do texto".¹³

Sabendo do contexto social atual, as práticas de extroversão literária do AEM também foram expandidas para os meios digitais. Dessa maneira, foi priorizado como canal de comunicação principal a rede social Instagram. Tal escolha se deu, primeiramente, por ser um espaço que permite uma grande circulação de material audiovisual, os quais podem atingir um grande público, considerando que tal rede é uma das mais utilizadas no mundo atualmente. Além disso, tal processo também contribui ao fazer um convite para que um grande público venha interagir com o espaço do museu. Todavia, a fim de que isso ocorra, adaptações tiveram que ser feitas. O motivo se dá pela forma como a rede social é organizada, isto é, a divulgação de conteúdos lá existentes envolve principalmente materiais de curta duração e de linguagem acessível. Levando isso em consideração, foram selecionados pequenos trechos de obras

¹² VIDOR, *Leitura e teatro*, 2015, p.15.

¹³ VIDOR, *Leitura e teatro*, 2015, p.15.

componentes do material literário do Acervo para que essas fossem lidas por estudantes e/ou profissionais do teatro em uma leitura dramática gravada, disponível ininterruptamente no perfil do Acervo no Instagram. Sendo menos pedagógico que o trabalho anterior, tal processo *on-line* permite que seja provocada a discussão do universo literário em meio a um grande fluxo de informações, que, por vezes, aliena e distancia os indivíduos da cultura.

Por último, vale fazermos uma consideração sobre os últimos processos pelos quais passou nosso projeto. Devido ao contexto de grave crise de saúde mundial ocorrido em 2020, não apenas o Acervo, mas todo o setor cultura teve que desenvolver estratégias que contornassem os impactos de tal situação emergencial e que preservassem a cultura. A partir disso, o projeto nesse ano se desenvolveu de forma remota a fim de buscar as melhores maneiras de fazer a extroversão da literatura e, principalmente, de manter acesa a conexão entre o público e o espaço museal. Por isso, nesse ano, demos continuidade às leituras dramáticas *on-line*, o que se mostrou um ponto muito interessante, pois a prévia interação que o Acervo tinha nas redes foi um facilitador na comunicação em tempos remotos. Além disso, também desenvolvemos um projeto que foi sendo gestado ao longo do processo de implementação do serviço e educação à distância, adotado não apenas pela UFMG, mas também por toda a comunidade educacional. Faz-se importante tal contextualização, pois foi devido às dificuldades encontradas nesse processo que decidimos fazer algo que se distanciasse do grande fluxo de informações visuais que as redes sociais possuem. Dessa maneira, surge a radionovela *A volta para Marilda*, que é foco deste presente livro.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2011. p. 171 - 193.

FLORY, Alexandre Villibor. Literatura e Teatro: Encontros e desencontros formais e históricos. *Revista JOIP*, n. 1. Departamento de Letras Editora, Universidade Estadual de Maringá, 2010.

VIDOR, Heloise Baurich. *Leitura e teatro: Aproximação e apropriação do texto literário*. São Paulo, 2015. p. 1 - 17.

VICENTE, João; REIS, Maria da Glória Magalhães dos (org.). Crepúsculo do tormento, de Léonora Miano: vivenciar o texto literário. *In*: GOMES, André Luís; REIS, Maria da Glória Magalhães dos. *Encenar a Leitura: Relações Cênico-Midiáticas*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020. p. 29 - 50.

Do romance à radionovela: processo de adaptação de *A volta para Marilda*

Felipe Oliveira

Após semanas de reuniões, compartilhamento de ideias e discussões para decidir as futuras ações do projeto de extensão "Leitura dramática e encenação no Acervo de Escritores Mineiros" durante o período de isolamento social ocasionado pela COVID-19, a equipe do Acervo de Escritores Mineiros decide pela criação de uma radionovela, gênero inusitado porque se encontra praticamente em desuso em pleno século XXI, a partir da obra de algum dos autores contemplados na exposição O laboratório do escritor.¹

O autor escolhido para tal foi Oswaldo França Júnior² e seu romance *A volta para Marilda*. Ambientada na cidade de Belo Horizonte em 1974, a obra, narrada pela voz do personagem principal, conta uma história de amor que termina em separação. Ao anunciar logo nas primeiras páginas do livro o fim do romance das personagens centrais da trama, a narrativa se desenrola revelando pouco a pouco os detalhes desse acontecimento, enquanto nos apresenta outros personagens com histórias que se cruzam.

Decidida a obra, começamos a nos debruçar sobre ela a partir de leituras e discussões em grupo. Todo o processo de adaptação do romance *A volta para Marilda* para a radionovela, que leva o mesmo

¹ Exposição permanente *O laboratório do Escritor*, com cópias mimetizadas do que teria sido o escritório dos autores cujos fundos se encontram sob salvaguarda do Acervo.

² Autor mineiro nascido na cidade do Serro. Dentre suas obras estão *O Viúvo* (1965), *Jorge, um brasileiro* (1967), *No fundo das águas* (1987) e *De ouro e de Amazônia* (1989).

nome, aconteceu durante cinco semanas, entre os meses de maio e junho de 2020, de forma completamente *online*. No entanto, antes de realizar a adaptação, ainda nos faltava um entendimento importante: as características e estrutura de uma radionovela. Para tanto, se fez necessária a realização de pesquisas para compreender melhor o gênero. Muitos autores argumentam que a tradição do *feuilleton*, ou folhetim – surgido na França –, precedeu e abriu terreno não só para as radionovelas, mas para todas as formas de narrativas em formato episódico no rádio e eventualmente na televisão – novelas, seriados e afins.

1836 é o ano que marca um fenômeno cultural, na França. Uma forma literária que logo conquistou o público, o folhetim. Gênero novo, o folhetim era um misto de romance e melodrama. Sua estrutura aproximou o público da narrativa em fatias e o transformou em um fenômeno de vendagem. Mas não era a estrutura folhetinesca novidade em seu tempo: o folhetim absorve gêneros. A novidade está, porém, na mídia utilizada – os jornais.³

Na França, o sucesso dos romances-folhetins, que deixavam as pessoas ávidas por essas histórias, fizeram aumentar de forma significativa as assinaturas dos jornais, logo a procura pelos melhores folhetinistas também cresceu. Uma das razões desse sucesso explosivo dos folhetins foi sem dúvidas sua fórmula seriada, que deixava os leitores interessados pelo que viria a seguir: “Os folhetins também contribuíram com clichês dramáticos específicos do gênero e formas narrativas, como o gancho de suspense (*cliffhanger*) no final de cada episódio, que leva o leitor, ouvinte ou espectador a esperar o próximo capítulo para ver o que acontece”.⁴

Essa importante característica dos folhetins, de ao final de cada episódio levar a história a uma espécie de “situação-limite” que será desenvolvida apenas no próximo episódio, também se tornou marcante nas radionovelas. Durante o processo de adaptação de *A volta para Marilda* para este formato, este foi o primeiro desafio com o qual nos deparamos, pois no romance de Oswaldo França Júnior a história é narrada de maneira linear, sem cortes e grandes reviravoltas. A fim de

³ NASCIMENTO, Novas mídias folhetinescas, 2011, p. 1.

⁴ STRAUBHAAR, Telenovelas no Brasil, 2018, p. 37.

preservar o formato das radionovelas, no decorrer do processo de divisão da narrativa em cinco episódios, foi necessário elevar ao máximo algumas situações presentes no texto para gerar no final de cada um deles um gancho de suspense capaz de causar expectativa nos ouvintes e, assim, mantê-los interessados. A partir da elaboração de uma estrutura dos acontecimentos de cada episódio, semana a semana a equipe trabalhava em um episódio diferente, do qual cada integrante ficava responsável por escrever uma cena, comentada e alterada pela equipe toda. Então, através de reuniões *online*, eram realizadas leituras do episódio da semana, que nos ajudavam a colocar o roteiro escrito “à prova da palavra” e a fazer os últimos ajustes necessários antes de partir para a escrita do próximo episódio.

Apesar de o surgimento da rádio ser anterior a isso, somente depois da Primeira Guerra Mundial começaram-se os esforços para transmissões domésticas de rádio. As primeiras novelas de rádio nasceram a partir de encomenda da multinacional norte-americana Colgate-Palmolive. As denominadas *soap operas* tinham o público das donas de casa como alvo, com objetivo de vender seus produtos a elas.

De fato, o que ocorre nos Estados Unidos é que determinadas agências financiadoras do rádio comercial, em particular firmas como Procter and Gamble, Colgate-Palmolive, Lever Brothers, começaram a produzir as denominadas “óperas de sabão” para vender seus produtos às donas-de-casa. Durante a recessão econômica, elas buscam combater a queda nas compras, aumentando o volume das vendas, o que necessariamente implicava em atingir um público maior. Como o horário diurno era mais barato que o horário nobre, essas firmas começaram a produzir *day time series* para mulheres.⁵

Contudo, as *soap operas* se distanciavam do formato de folhetim pois não apresentavam corte de capítulos, suspense, dramas e muitas vezes não possuíam nem fim. Foi em Cuba, inspirado nas *soap operas* norte-americanas e com fortes influências do melodrama, que surgiram as radionovelas.

Uma vez que se utiliza apenas da sonoridade, além da descrição de efeitos sonoros que ambientam e ajudam a materializar as ações dos

⁵ ORTIZ, A evolução histórica da telenovela, 1991, p. 19.

personagens, os roteiros de uma radionovela são constituídos basicamente de diálogos. Nosso romance em adaptação apresentava poucos diálogos entre as personagens, o que se estabeleceu como nosso segundo maior desafio: transformar um texto essencialmente narrativo em diálogo. Para isso, a referência técnica do melodrama foi muito importante para a construção. Sabato Magaldi (1998) assim define o melodrama:

Melodrama é um subgênero do drama e caracteriza-se pela exacerbação do sentimentalismo popular e do maniqueísmo, como também a superficialidade ao centralizar-se na trama, nos conflitos e nos acontecimentos do mundo da obra, em detrimento da ação. A ação aqui é o que dá vida às personagens, a transferência de importância na narrativa da ação para as intrigas e o enredo.⁶

Já sobre os diálogos no melodrama, Jean-Marie Thomasseau observa: "Os diálogos do melodrama acusam, assim, os tiques, da linguagem sentimental, dramática e realista própria de cada geração, o que explica seu rápido envelhecimento de uma geração para outra".⁷ É justamente essa facilidade do melodrama de comunicar com as gerações e de facilitar a absorção por seus temas e linguagens cotidianos que conquista as pessoas. Dessa forma, entendemos que apesar de a história se passar nos anos 70, não faríamos uma tentativa de aproximação da linguagem da época, o que poderia afastar o público mais jovem. Porém, recheamos os diálogos com falas dramáticas, romance excessivo e clichês. Para exemplificar melhor, vamos entender como a inspiração do melodrama se manifestou nos três personagens principais (Jurandir, Rozana e Marilda), que constituem um triângulo amoroso na trama. No trecho a seguir, vemos o relato da personagem Marilda, ao ver seu amado saindo de sua casa e constatando o fim do relacionamento dos dois: "Acompanhei Jurandir saindo da nossa casa com lágrimas nos olhos. Cada passo que ele dava pra longe de mim era um soluço que eu soltava. Quando fechou o cadeado do portão e se virou para me olhar, eu senti uma pontada no peito como se algo me dissesse 'agora acabou pra sempre!'"

Por se tratar da personagem mais romântica da trama, Marilda é a personagem com a qual mais foi possível explorar os exageros e

⁶ MAGALDI, *Iniciação ao teatro*, 1988, p. 30.

⁷ THOMASSEAU, *O melodrama*, 2005, p. 128.

sentimentalismos, além de um lirismo que, em linguagem popular, beira o “cafona”. Outra personagem em que foi possível explorar os exageros, foi Rozana, ex-mulher do personagem principal, abandonada por ele para viver com Marilda. Diferente desta, Rozana é menos polida e mais afiada em suas falas. No trecho a seguir, vemos a reação da personagem ao descobrir que vai ser trocada:

Rozana (choramingando): Tá. Tá! Não precisa falar mais nada, não. Eu já entendi tudo. (com raiva) Quer saber? Vai embora mesmo. Vai atrás do seu (ênfase na palavra) “amor”. Eu quero ver quanto tempo isso dura. Isso eu quero ver. Olha, Jurandir, eu nunca vou esquecer isso que você tá fazendo comigo. E não pensa que você vai ficar livre de mim, não. Eu vou fazer da tua vida um inferno. Eu vou mijar na tua cova; sambar em cima do teu túmulo. Melhor, eu vou convidar o morro inteiro e vou dar um pagode em cima do seu túmulo. Tá me ouvindo? Agora vai-te embora daqui!⁸

Já com personagem principal, nomeado por nós Jurandir – no romance seu nome não é citado – o tom melodramático fica por conta de seu amor profundo por Marilda. Aos seus olhos, a mulher amada é, como ele mesmo diz repetidas vezes, um “anjo”. Para Jurandir, Marilda não tem defeitos, o que faz dela a única mulher possível para ele, tornando seu amor por ela desmedido e inclusive não permitindo que ele enxergue a realidade quando ela nitidamente não o deseja mais. No exemplo a seguir, após ser rejeitado pela mãe que o deixou na chuva ao não permitir que ele passasse a noite em sua casa com a nova mulher, a maior preocupação do rapaz é com Marilda:

Marilda e eu voltamos pra casa debaixo de um temporal, quase um dilúvio. Poxa, eu fiquei tão chateado que vim o caminho todo sem conseguir dar um pio. (dramático) Onde já se viu uma mãe negar abrigo pro próprio filho? Preferiu me ver humilhado e molhado no meio da rua do que deixar a Marilda entrar lá em casa. (determinado) Mas é bom pra eu aprender a não dar ouvido nunca mais para aquelas duas. Me cortou o coração ver a Marilda toda molhada daquele jeito. Ela não merecia passar por isso. Mas aquela mulher é um anjo.⁹

⁸ Cena II, Capítulo II.

⁹ Cena V, Capítulo II.

Ao final, com o roteiro da radionovela pronto, sabíamos que ele ainda poderia sofrer pequenas alterações por parte dos atores no momento de gravação, como parte do processo de construção de personagem e de apropriação do texto, ou nas improvisações no jogo de cena, o que é essencial para manter o texto vivo e para conceder frescor aos diálogos mais calorosos. No entanto, a adaptação acabou superando os impasses que o texto original nos impunha, seja pelo teor altamente narrativo, seja pela ausência de clímax tão comum ao gênero. Nesse sentido, lidar com tais questões foi o principal aspecto desse processo todo, sabendo que acertar nos “clímax” e nos “ganchos” seria imprescindível para garantir o sucesso da radionovela, pois deles e da agilidade dos diálogos depende a atenção do ouvinte.

Referências

CHAVEZ, Glenda Rosé Gonçalves. *A radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999)*. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MAGALDI, Sábato. *Iniciação ao teatro*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.

NASCIMENTO, Marcela. Novas mídias folhetinescas: o folhetim televisivo do século XXI. In: *XII Congresso Internacional da ABRALIC*. Curitiba: Centro, Centros – Ética, Estética, 2011.

ORTIZ, Renato. A evolução histórica da telenovela. In: ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. *Telenovela: história e produção*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 11-54.

STRAUBHAAR, Joseph D. Telenovelas no Brasil: de roteiros viajantes a gênero/formato nacional e transnacional. In: MOREIRA, Sônia Virgínia; OTA, Daniele Cristina (org). *Comunicação, mídia e cultura: estudos Brasil – Estados Unidos*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2018. p. 33-56.

THOMASSEAU, Jean-Marie. *O melodrama*. Tradução e notas de Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.

***A volta para Marilda*: uma leitura sonora**

Mariana Nolaço

Música, silêncio, ruído

Durante a escrita e a produção da radionovela *A volta para Marilda*, realizada virtualmente e impulsionada pelo isolamento social decorrente da COVID-19, muito se pensou acerca dos elementos que deveriam constituir seu roteiro, incluindo-se aí a elaboração de uma sonoridade específica para traduzir ao ouvinte o que a narrativa desejava. Nesse sentido, a sonoridade nas radionovelas tem um papel estruturante e fundamental, pois ela vem para pontuar ações, determinar o ritmo das cenas, fazer transições e provocar emoções no ouvinte.

É importante pensar que a construção de uma narrativa vem da articulação de muitos fatores. No caso da radionovela, vem do texto interpretado pelos atores aliado à construção da musicalidade e efeitos de som. Através da sonoridade é possível induzir aquilo que se queira contar, transmitindo sensações diferentes por meio da trilha sonora escolhida. Podemos refletir sobre as diferentes sensações que a trilha sonora provoca a partir do *efeito kuleshov*, uma técnica do cinema que afirma que a edição sugere diferentes sentimentos e ideias para quem assiste a um material, e que isso, até certo ponto, independe da ideia que o ator tentou transmitir nas gravações.

No início do século XX, Lev Kuleshov, cineasta russo, apresentou um pequeno vídeo a algumas pessoas e depois pediu a elas que o descrevessem. O vídeo mostrava o rosto do ator Ivan Mosjouskine em um close, e ele havia sido instruído a fazer uma expressão facial tão neutra quanto fosse possível. Ao editar esse pequeno vídeo, Kuleshov utilizava outros três *takes* intercalados com ele: um prato de sopa; uma criança morta; e por fim uma mulher. O vídeo era posteriormente apresentado a diferentes grupos de pessoas, mas cada uma só tinha acesso a uma das três montagens. Ao fim, essas pessoas tinham que descrever sua impressão sobre a interpretação de Mosjouskine.

Essa impressão acabou sendo moldada pelo que cada cena exibia. Quando o rosto do ator aparecia antes do prato de sopa, as pessoas descreviam sua expressão como sendo de fome. Ao ser apresentada junto da menina morta, de tristeza e sofrimento. O terceiro grupo viu libido na sobreposição do ator à cena da mulher. Ou seja, uma mesma imagem, associada com outras imagens, pode provocar diferentes sensações ao público.

Agora podemos pensar essa técnica aplicada à sonoridade, o que Airton Júnior, produtor musical e *sound design*, chama de “efeito Kuleshov musical”, ou seja: através da trilha sonora você muda a concepção da interpretação do ouvinte, ou de quem esteja assistindo. Tudo depende da música de fundo, ou sonoridade escolhida. Podemos, por exemplo, compor um sentimento de tensão, de romance ou até mesmo de alegria, pegando uma mesma imagem ou narrativa e associando-a a diferentes trilhas sonoras.

Para entender melhor isso, podemos analisar os elementos que compõem uma música, são eles: andamento, harmonia e timbre. Andamento tem a ver com a propriedade da música ser lenta ou rápida, ou seja, o ritmo. Já a harmonia, por sua vez, com o conjunto de acordes ou sequências de notas relacionadas com a tonalidade. Cada cultura cria uma emoção diferente quando associada a cada tipo de música. Na nossa cultura ocidental, na maioria das vezes, quanto mais rápido o andamento da música, com uma harmonia consoante, mais alegre e vibrante será a emoção transmitida. Por outro lado, quando a música tem o andamento

lento e a harmonia dissonante, a música trará a sensação de sofrimento e tristeza.

Dado isso, percebemos o quanto o ritmo de cena diz respeito ao andamento ideal que a música ou a sonoridade de fundo devem ter. O ritmo é composto por som e silêncio. O silêncio tem uma grande importância para contrapor a música, ele ajuda a criar alternância para enriquecer a narrativa. O silêncio dá um respiro. O silêncio dentro das narrativas é construído através dos ruídos, para trazer uma expressividade do ambiente. O silêncio dentro da construção sonora da radionovela nunca é o silêncio absoluto, de vácuo, pois isso traz uma impressão de falsidade para quem ouve. O silêncio tem som e expressividade. Todo silêncio, e tudo aquilo que não é dito, será expressado. Quando estamos em um ambiente silencioso, ainda assim escutamos o barulho do vento, das árvores ou até mesmo da nossa própria respiração. Ou seja, a concepção de silêncio é construída intencionalmente e cria ambiência.

Lia Calabre, em seu estudo sobre radionovelas, diz que os profissionais criadores dos sons e dos ruídos nas radionovelas são fundamentais para o sucesso delas. Ela destaca o relato de Edmo Do Vale, a quem nomeia como “um mago do som”:

Edmo ao receber o texto, percebeu que ele estava repleto de instruções para a contra-regra. Entre as cenas havia uma em que o homem era jogado em um poço com milhares de formigas carnívoras e ele se perguntou como é fazer o som de um homem sendo devorado por milhares de formigas. Segundo Edmo, é aí que se tem de ter imaginação, para que o profissional não se transforme apenas em alguém que abre e fecha portas. A solução encontrada foi a seguinte, conforme o depoimento dado:

“Nós aqui tínhamos o bar, o restaurante, aí eu fui lá dentro, peguei, naquele tempo estava aparecendo a coca-cola, que era muito efervescente e tal. A formiga pode ser aquele negócio shixxxx. Fui por semelhança sonora. Mandeí comprar sal de uva, uns 6 pacotes, comprei duas garrafinhas da coca-cola peguei tudo e trouxe para cá. Tapei assim o microfone, não deixei ninguém ver o que era ali. E agora? O Vitor lá do estúdio, já pode gravar? Já pode gravar. Quando chegou lá o pau comeu era briga, queda, tiro, aqui uma fumaceira de pólvora danada, que parecia guerra, guerra do Vietnã. Aí veio o momento em que o cara cai e aí eu taquei o sal de uva dentro da coca-cola, foi aquele negócio shixxxx. O difícil é que

tinha que ficar dois ou três minutos aquele negócio e a coca-cola chiava mas acabava o chiado e o sal de uva que ajudou.¹

É muito interessante ler um relato de como eram feitas as sonoridades da radionovela, pois durante o processo de adaptação escrita da radionovela, nós, da equipe, em um primeiro momento só conseguíamos pensar em sons de porta se abrindo e fechando, em passos de pessoas e o ambiente de bar. Posteriormente houve esse estudo mais aprofundado da sonoridade, o que pôde trazer um pouco mais de complexidade ao trabalho e que se apresenta durante o processo de produção como uma etapa essencial.

Em *A volta para Marilda* tivemos uma ideia de construção sonora a partir de quatro camadas: a voz dos atores; os sons de ambiência do lugar, tais como sons de talheres, passos ou carros passando; música de fundo e som de transição entre uma cena e outra. Houve uma pesquisa histórica de músicas brasileiras que remetesse aos anos 70, algo que pudesse criar um ambiente de época, já que a história se passa no subúrbio de Belo Horizonte de 1974. Por se tratar de uma história que traz à pauta os bairros de subúrbio em desenvolvimento nessa década, foram escolhidos sons e músicas instrumentais do samba como base para a trilha sonora.

Paisagem sonora

Murray Schafer foi o responsável por cunhar o termo “paisagem sonora”, que basicamente significa “qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas, como composições musicais”.² A partir disso, percebemos a paisagem sonora como uma possibilidade concreta para refletir sobre as sonoridades que envolveram a radionovela.

O termo “paisagem sonora” em si também nos remete instantaneamente a uma experiência multissensorial. Apesar de apresentar uma referência direta à visualidade – paisagem – e à escuta – sonora –, considera-se aqui como multissensorial pelo fato dos sentidos relacionados

¹ CALABRE, No tempo das radionovelas, 2007, p. 76.

² SCHAFER, *A afinação do mundo*, 2001, p. 366.

ao olfato, ao tato e ao paladar serem com frequência ativados pela visão e pela audição tanto em circunstâncias cotidianas quanto explicitamente resultantes de experiências estéticas. A experiência da radionovela cria paisagens a partir da sonoridade, como a das casas dos personagens, do bar, da construção em que Jurandir trabalha, da cidade em crescimento.

Há também três outros conceitos relacionados ao de "paisagem sonora" que podem reforçar a efetividade de sua utilização na radionovela. São eles: o "som fundamental", que nos estudos da paisagem sonora são aqueles sons "ouvidos continuamente por uma determinada sociedade ou com uma constância suficiente para formar um fundo contra o qual os outros sons são percebidos";³ a "marca sonora", que se refere ao "som da comunidade, que é único ou possui qualidades que o tornam especialmente notado pelo povo dessa comunidade";⁴ e, por fim, o conceito de "sinal sonoro", que se relaciona a "qualquer som para o qual a atenção é particularmente direcionada".⁵ De acordo com o autor, os sinais sonoros encontram-se relacionados aos sons fundamentais que se correspondem entre imagem e fundo para a percepção visual. Ou seja, os sons fundamentais de determinados contextos costumam não ser ouvidos conscientemente por seus habitantes, a não ser quando são retirados. Assim os sons fundamentais agem como uma espécie de "fundo" para melhor percepção imagética.

Por último, é possível observar que a radionovela produzida, enquanto experiência estética, proporciona uma vivência multisensorial estimulada pela composição sonora que busca consolidar, por meio de seus efeitos sonoros, as experiências e a vivências das personagens. Nesse sentido, foi possível, através dessa imersão, estimular a imagem como processo de imaginação e articular em *A volta para Marilda* um movimento de escuta, uma representação sensorial de um pequeno universo que se passa nos anos 70. Para tal reconstituição temporal, foi necessário elaborar todas essas camadas e etapas de formulação da sua paisagem sonora. Assim, os fundos sonoros, os efeitos, as camadas de

³ SCHAFFER, *A afinação do mundo*, 2001, p. 368.

⁴ SCHAFFER, *A afinação do mundo*, 2001, p. 365.

⁵ SCHAFFER, *A afinação do mundo*, 2001, p. 368.

som, o silêncio, tudo foi construído para sustentar e ambientar a narrativa de Jurandir e Marilda, para dar o efeito desejado à história do casal.

Referências

CALABRE, Lia. No tempo das radionovelas. *In: Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, a. 29, n. 49, p. 65-83, 2º sem. 2007.

JUNIOR, Airton. *Introdução à trilha sonora*. Disponível em: <https://www.avmakers.com.br>. Acesso em: 16 nov. 2020.

SCHAFER, Raymond Murray. *A afinação do mundo*. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada. São Paulo: UNESP, 2001.

SCHAFER, Raymond Murray. *O ouvido pensante*. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

Academia Internacional de Cinema. *Você sabe o que é o efeito Kuleshov? Entenda!* Publicado em: 6 abr. 2020. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/efeito-kuleshov/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Em busca da voz

Arthur Barbosa

(Este relato pode conter intromissões de figuras que queiram, de alguma forma, se expressar. Ao ler, tente sempre escutar sua própria voz como em um áudio. Se preferir, leia em voz alta).

Antes de os ensaios da radionovela *A volta para Marilda* começarem de fato, fui convidado a participar de sua criação como ator. Eu já participava como voluntário no projeto do Acervo de Escritores Mineiros, responsável pela obra. Ao iniciar as colaborações no projeto, a dramaturgia ainda estava em processo de escrita, o que permitiu que eu acompanhasse também esta etapa. A dramaturgia é a área que pesquiso na universidade, então estar no momento de sua escrita, em qualquer projeto artístico, me movimenta a pensar a obra de forma mais ampla.

O elenco é composto de quatro artistas e a radionovela já continua, em sua narrativa, oito personagens. Foi necessário que nos dividíssemos da melhor forma possível. Diante disso, Nelson, Carioca e Seu Milton ficaram designados para mim. Três personagens e um único emissor de voz: o que fazer?

Foi de fato desafiador criar vozes distintas e, ao mesmo tempo, únicas, mas necessário. A meu ver, a experiência sonora de uma radionovela em formato de *podcast* se revela mais interessante quando se consegue associar determinado timbre de voz a cada personagem. Tentarei compartilhar um pouco disso, mas antes é preciso fazer um breve desvio.

(Leia com voz de locutor de rádio antiga. Aviso: o "R" é sempre bem aparente)

Interrompemos o fluxo de pensamento e escrita deste texto para apresentar o quarto personagem: não da história em si, mas aquele que guia o que se contava, aquele que dá o tom da Rádio Continental, o que tanto ama seus ouvintes e tem o poder de soltar e/ou segurar os mistérios e intrigas dos próximos capítulos: sim, este que vos fala, o locutor.
(O locutor sai)

O locutor foi de fato uma figura criada no fluxo do processo, e que tomou proporções maiores do que eu havia esperado. Diferente dos outros personagens, partes da história, ele é um elemento presente na estrutura deste *podcast* que remete aos tempos de radionovelas. Eu fui criado por um pai locutor, então a influência das rádios ao longo da minha infância e adolescência foi muito relevante.

(Entra um personagem)

Carioca *(com sua voz estridente, aguda, um pouco inspirada nas hienas de uma das mais famosas animações que conhecemos, uma afovação de pessoa)* — Ué, mas agora só vai falar do locutor é? E aqui, como que você explica o meu "carioquês" que ficou mineiro? *(chamando)* Ô, Nelson, vem cá ver isso, ó, vê se pode!

(entra Nelson)

Nelson *(ele com sua voz aveludada, calma, sempre apaziguador – uma voz preguiçosa, mas trabalhadora)* — Ô, Carioca, você deixa de ser besta, que o menino tá tentando explicar as coisas. Com calma ele chega lá.

(Carioca solta algo parecido com um ganido, indignado. Ouvem alguém chegando)

Nelson — Eita, Carioca, eu falei pra não inventar moda em horário de expediente, o Seu- *(é interrompido pelo Seu Milton, que chega)*

Seu Milton *(uma voz forte e rouca; algo como alguém que está preparado para cortar outra pessoa a qualquer momento e mostrar autoridade, mas cansado; uma faca muito afiada, mas enferrujada pelo tempo)* — Que algazarra é essa? Vocês nem começaram o serviço de hoje e vieram aqui atazanar trabalho dos outros? *(fala com quem está escrevendo este texto)*

agora e com você, leitor e ouvinte) Vocês me desculpem, viu?! Eu vou levar esses dois e vocês podem continuar. *(Somem os dois)*

(pequena pausa)

Seu Milton — Mas não se esqueçam de mim, hein?!

(Milton some)

(Agora sou eu, Arthur, quem fala com você, leitor e ouvinte, novamente)

Peço desculpas se estiver um pouco confuso, mas é que às vezes as vozes tomam para si o direito de fala e há que se deixá-las livres. O processo de entendimento de como seriam Milton, Carioca, Nelson (que apesar de ciumentos ao aparecerem nesse relato, é importante dizer que não esqueci de ninguém) e do Locutor se deu com muita liberdade, verdadeiramente.

O movimento inicial foi partir da técnica vocal. Pensei quem parecia falar mais grave, agudo, forte, fraco, rápido, devagar; ou seja: altura, intensidade, duração e timbre, os famosos parâmetros do som. Apesar desse ponto de partida, o pensamento criativo e artístico logo se fez maior e guiou melhor o processo de busca pelas vozes, a partir da criação imagética dos corpos dessas personagens.

Aqui, eu abro uma parte do meu caderno de artista, prática muito comum entre profissionais e estudantes de arte, que tento sempre manter para todo e qualquer processo criativo que participo. Em três *post-its* rosas fluorescentes lê-se:

Carioca: magricela, anda com pressa todo dia, um pescoço longo e muito curioso. Parece fraco, mas, quando quer, carrega um saco de cimento facilmente nas costas – hiena.	Seu Milton: mais velho, não quer se aposentar; a força de quem anda de bicicleta pela cidade toda, como meu avô.	Nelson: o “mestre de obras”; calmo e tranquilo, parrudo, quer fazer seu trabalho bem feito e seguir com a vida. Uma voz que beira o sedutor boêmio, mas desvia disso por ser muito cauteloso.
---	--	---

Logo na página seguinte, há várias anotações sobre o locutor, meio soltas:

“*Good Times*”

“Lembrar de não ficar tão canastrão”

“Ele ama a Marilda”

“Voz sedutora do Zé Bonitinho (?)”

“R sempre muito puxado”

“Uma voz que guia, orienta e desorienta”

“Rádios antigas, locutor que seduz ouvintes”

A posição das três personagens (lado direito, esquerdo e centro) era a posição em que eu ficava quando estava nos ensaios e nas gravações, sentado na cadeira de escritório improvisada – é uma cadeira emprestada que está gasta, então ela muitas vezes desce a regulagem de altura quando alguém senta, o que também influenciou na hora das gravações, pois era imprevisível saber por quanto tempo eu ficaria na altura do gravador, se teria que segurar a cadeira enquanto falava, etc. O locutor não tinha uma posição, mas eu arqueava levemente a cabeça ao falar. É importante ressaltar que isso tudo, escrito nestas páginas, se trata de uma construção pessoal: as personagens da radionovela possuem sua descrição em um dos arquivos criados pela equipe. Os escritos do caderno de artista são pessoais e não fazem parte da descrição oficial – as vozes quase nunca seguem oficialidades.

Também gostaria de dizer que, como introduzi rapidamente no início deste texto, a dramaturgia é objeto de pesquisa para mim. E voz, a meu ver, além de ser corpo, também é dramaturgia a todo o tempo. A dramaturgia, em meus estudos e leituras, é tratada como algo expandido: aquilo que pode guiar uma experiência (como, por exemplo, a arquitetura de um prédio – ou mesmo a voz que você ouve em uma experiência sonora).

Esses parágrafos mais “teóricos” se fazem necessários para que você, leitor e ouvinte, entenda que esta criação foi sempre muito pausada por este pensamento dramatúrgico. A voz de cada um dos personagens propõe um corpo (com seus estereótipos ou não), uma posição no espaço, uma imagem.

(Interrompemos novamente este texto, que já estava ficando teórico demais, para a fala daquele que vos ama, e que tanto ama a força da letra "R")

Locutor — Arthur, meu querido Arthur, você sabe muito bem que eu sou uma criação viva e dona de si. Não há como em quatro páginas, ou algo assim, conseguir me esboçar de forma com que todas as pessoas que nos ouvem criem em suas mentes uma imagem factível. Deixemos aqui a liberdade! Eu sou uma miragem, uma tentativa de viajar no tempo em um momento pandêmico. Minha querida e harmoniosa audiência pode me imaginar como lhes for melhor. Esta é a capacidade maior do áudio, da oralidade. *A volta para Marilda*, o programa de maior audiência da Rádio Continental, agradece a vocês, que se propuseram a estarem aqui, com o áudio nos ouvidos e este livro nas mãos – ou nas telas, pois apesar de ser um locutor das antigas, eu sei bem o que vocês jovens utilizam atualmente. É um prazer estar com pessoas tão belas, carinhosas, grandiosas e efervescentes como vocês. Lembrem-se: ninguém pode lhes tirar a voz. *(O locutor some)*

A voz é um mistério. A oralidade é o que temos de mais antigo quando se trata de contar histórias, relatar, compartilhar e criar (ou imaginar) algo. Minha escrita e brincadeira com as personagens não serão jamais capazes de transmitir exatamente o que se passou para mim ao dar voz a estas figuras criadas para a radionovela. E isso mostra, como vários experimentos artísticos, que não há receita pronta nem caminho fechado para a criação de uma experiência poética.

Como disse o locutor: “ninguém pode lhes tirar a voz”. Ela é um mergulho, um abismo. É sempre um devaneio ou uma aventura difícil navegar pela própria voz para criar outras – ou mesmo para encontrar a sua própria voz. Vamos falar mais o que precisa ser dito, e dar as vozes ao que queremos que se escute. Boa escuta! Fica aqui o meu agradecimento.

ROTEIRO DA RADIONOVELA

O Acervo de Escritores Mineiros apresenta:

A VOLTA PARA MARILDA

Roteiro:

Ana Beatriz Cucaroli
Elen de Medeiros
Felipe Oliveira
Mariana Nolaço

Radiofonização:

Ana Beatriz Cucaroli
Arthur Barbosa
Felipe Oliveira
Mariana Nolaço

Projeto de extensão: "Leitura e encenação no AEM"

Coordenação:

Marcelo Novaes

Orientação:

Elen de Medeiros

Personagens:

Jurandir
Marilda
Rozana
Milton
Leda
Mãe
Carioca
Nelson

Local da ação: Belo Horizonte, 1974

Sinopse:

Belo Horizonte, 1974, anos de chumbo. Na periferia da capital mineira, um triângulo amoroso, o crescimento urbano, o "milagre econômico". Jurandir é o protagonista dessa história, homem que cresceu sob os cuidados da mãe e da irmã mais velha, Leda, e agora se vê entre

outras duas mulheres: Rozana e Marilda. De um lado, Rozana é decidida, dona de casa, cresceu e mora no Aglomerado da Serra, promete não deixar Jurandir em paz. De outro, Marilda é a jovem escriturária do INPS que encanta o empregado de seu pai, Jurandir, e acaba se envolvendo com o rapaz. Milton é o pai superprotetor de Marilda, contrata Jurandir para serviços elétricos por empreitada, e não aceita seu relacionamento com a filha única. Dividida em cinco capítulos, essa radionovela vai ocupar suas tardes de quinta-feira. Estreia: 23 de julho, no Soundcloud, Spotify e nas redes sociais do Acervo de Escritores Mineiros.

Capítulo I

O grande encontro

Cena I

(Jurandir, Carioca e Nelson estão bebendo no bar. Ambientação de bar e de cidade. Barulhos de passos, vozes ao fundo, copos. Música bem característica da década de 70, própria de um bar antigo. Som da narração do jogo de disputa do terceiro lugar da Copa do Mundo de 74, Brasil vs. Polônia.)

JURANDIR: Não! Vai, vai! Faz o gol...aaaah, que isso.

CARIOCA: Tá de brincadeira, o cara perde uma chance dessa.

NELSON: Olha lá, e foi, é gol.

(Lamentos. Gol da Polônia de Lato contra o Brasil.)

CARIOCA: Mais um brinde, mais um brinde!!!

NELSON: Um brinde a quê, Carioca?

JURANDIR: Um brinde à Marilda!

TODOS: *(Rindo e em tom de comemoração)* à Marilda!!!

(Som de copos se batendo)

CARIOCA: Você não esquece mais essa mulher, né?

NELSON: Tem quanto tempo que vocês já tão separados, Jurandir? Uns 3 meses?

JURANDIR: 3 meses nada... Nelson. Lá se foram 6 meses.

CARIOCA: Larga o osso, Jurandir. Você vai encontrar outra até melhor que ela.

JURANDIR: Ah, não encontro mesmo. Aquela mulher era um anjo. Não reclamava de nada, carinhosa, inteligente, educada, toda bem arrumada. E é uma pena ter acabado. Porque ela já deve ter sentido que não é em qualquer esquina que vai encontrar um cara como eu também, né. E é uma pena porque agora é tarde. Agora não adianta mais.

CARIOCA: E por que vocês brigaram, então? Ela cansou de você, não foi, não? (Ri)

JURANDIR: Ah, rapaz, pra eu contar pra vocês como eu perdi a Marilda, eu tenho antes que contar como eu conheci aquela mulher. Eu tenho que voltar lá atrás, quando eu ainda morava com a Rozana e vivia aquele inferno de vida. Lembra da Rozana?

NELSON: iiiii, vai começar!!!

(Música de transição, som de flashback.)

Cena II

Narração de Jurandir:

Naquela época eu morava com a Rozana num barracão lá no alto do Serra. Os barracão tudo encostado um no outro. E todo mundo ficava sabendo da vida de todo mundo ali. Mas era pro que meu dinheiro dava pra pagar. E pra piorar, eu estava com uma descompensada. A Rozana reclamava de tudo, sempre de má vontade. Passava o dia inteiro comendo e cuidando de umas toalhinhas que ela colocava pra todo canto daquela casa. Até em cima do fogão tinha toalhinha, aquilo era doideira. E os vestidos? Tudo amarrotado, frouxo no corpo, sem nenhum capricho. Como que eu aguentei aquilo? Eu devia ser cego. Naquele dia a gente brigou. Eu já não aguentava mais ela pedindo sempre a mesma coisa:

(Som de bairro: crianças brincando na rua, comida sendo preparada. Sons de panela, barulho de pratos e talheres, um veículo passando.)

ROZANA: OH JURANDIR... JURANDIR, eu quero trocar de barracão!!!

JURANDIR: Pra qual? Aquele lá de cima que cê vive falando? Pra que você quer mudar pra lá, mulher?

ROZANA: Porque ele tá mais novo. É todo pintadinho de verde.

JURANDIR: Aquele barracão parece casa de papagaio. Todo pintadinho, e daí? Isso vale alguma coisa?

ROZANA: Como não vale? O outro é melhor, mais novo! Você não disse que queria sair daqui?

JURANDIR: Quero! Mas pra outro lugar. E outra, aquele barracão fica perto do barranco. Se chover é um perigo de desmoronar.

ROZANA: Oxi... Mas eu já até conversei com o dono e ele disse...

JURANDIR: (*Interrompendo-a*) Você o quê? Aquele barracão pode cair qualquer hora! O negócio é bom para ele, e para mim não é! E se eu não quiser, não tem negócio. Entendeu?

(*Som de flashback*)

Cena III

Narração Jurandir:

Naquele dia, pra não brigar com a Rozana eu até saí pra trabalhar mais cedo. Onde já se viu passar por cima de mim daquele jeito? Fiquei injuriado. E ainda por cima por causa de um barracão daquele? Não sei como aquela mulher não conseguia pensar no perigo que era. Eu, que sou esperto, num me arrisco assim nunca! E minha mãe ainda dizia que a Rozana era uma mulher boa pra mim. Vê se pode!

(Som de domingo à tarde: crianças na rua, sons de passarinhos, um rádio tocando ao fundo.)

MÃE: Você ouviu o rádio hoje, meu filho?

LEDA: Ele não vê nada, mãe. Jurandir não é antenado no mundo, não.

JURANDIR: (*Ignorando Leda*) Ai, ai... O que foi que deu no rádio, Mãe?

MÃE: Ouvi na Voz do Brasil, meu filho, que o presidente Geisel disse que nosso país tá só crescendo. O governo tá construindo uma usina nuclear, acredita? Pena que é longe daqui, dava pra você ir trabalhar lá. Disse também que o povo não teve outra época tão boa para enriquecer. Porque cê num aproveita esse tempo, arranja um emprego melhor e troca de barracão? Tem uns tão bonitinho, perto de onde cê mora...

JURANDIR: Até você agora, Mãe? Já basta a Rozana me pedindo pra olhar barracão novo.

LEDA: É porque Rozana é sensata, sabe cuidar bem da casa e sabe que ali não tá bom de morar.

MÃE: É, meu filho, olha uma casa nova, proveita que o país tá nessa maré boa de economia crescendo e procura um lugar melhor pr'ocê e sua esposa morar.

LEDA: Pois é, vê se procura um lugar melhor, aquele barraco caindo aos pedaços não é lugar de morar com uma esposa tão direita como a Rozana, não. O mínimo que uma mulher quer é uma casa bonita.

JURANDIR: Ô, mãe, eu não vou sair de um barracão para cair num outro, que ainda por cima tá em área perigosa. Cê doido! Se for pra sair dali eu quero ir pra uma casa boa, no asfalto, longe do morro. O governo diz que o país tá crescendo, mas o trabalho não tá bom, não, mãe. E você viu por acaso o preço das coisa? Tudo caro! Se eu for mudar, vou

pegar dívida, e isso eu não quero. Deixa eu montar meu negócio antes. E você, Leda, sabe tanto de procurar casa que tá aqui na casa da mãe até hoje! (*Resmungo de Leda. Mudando de assunto, Jurandir diz em tom de fofoca.*) Aproveitando, vocês duas tão sabendo o que aconteceu com o João da esquina? Quando tava chegando aqui, ouvi dizer que ele foi preso hoje.

MÃE: Preso? Ah, meu filho, ele era um subversivo, isso sim. Se foi preso é porque merecia.

LEDA: Era mesmo, um subversivo: era contra o governo, vivia em reunião clandestina que eu sei. Era um Comunista!

JURANDIR: Que comunista, o quê! Era um trabalhador, como eu. Parece que era do sindicato, mas labutava de sol a sol, era homem direito. Se participava de reunião clandestina, não sei... pelo que eu ouvi foi um terror: chegaram entrando na casa dele, arrombaram porta, bateram nele na frente dos filho tudo. Um horror!

LEDA: Horror? Horror é o que ele decerto ia fazer...

JURANDIR: Mas prender um homem pelo que ele ainda não fez, Leda? Tá certo isso? (*Pausa*) Bom, tô indo que hoje é domingo e os ônibus custa a passar e demora até chegar lá no aglomerado. Rozana tá me esperando. E ó, Leda, para de ficar colocando minhoca na cabeça da Rozana pra trocar de barracão que agora não vai dar. Vocês duas larga de ser chata!

Cena IV

(*Som de volta do flashback*)

Narração Jurandir:

A Leda não largava do meu pé, sempre enchendo o raio do saco. Parece até que essas mulher se junta e ficam me atormentando de propósito,

não é possível. A Rozana eu até entendo querer uma casa nova, ela sempre me falou que desde menina sempre sonhou em uma casa bonita e eu queria dar isso pra ela. Juro que queria! Pra ver ela feliz mesmo. Mas de que vale só a boniteza? Ela queria o que? Que acontecesse um desastre e depois alguém ficasse sofrendo igual o coitado do seu Geraldo, que, com uma chuva, a casa veio abaixo e levou o menino dele? O homem ficou procurando o menino aos berros por dias numa tristeza só. Mas naquela mesma época enquanto eu tava trabalhando na obra é que minha vida mudou. Ali, sim, eu tive sorte. Quando Marilda entrou naquele lugar eu pensei “que mulher!”.

(Som de flashback)

(Som de obra ao fundo, passos lentos que se aproximam.)

MARILDA: *(Com fala calma e doce)* O senhor trabalha aqui?

JURANDIR: Sim, senhora.

MARILDA: Eu tava procurando alguém que pudesse me ajudar.

JURANDIR: Ajudar com o quê, senhora?

MARILDA: Com umas coisas na minha casa. Levantar umas paredes, fazer umas janelas...

JURANDIR: Poxa, que pena... eu mexo com a parte elétrica.

MARILDA: Então não vai dar, né? Obrigada, de toda forma. *(Hesita)* Então, tchau.

JURANDIR: *(Repensando na proposta)* Calma aí. A senhora desiste muito rápido. Vamos conversar primeiro.

MARILDA: Mas não é só instalação elétrica que você faz?

JURANDIR: Vamos ver o serviço antes... agora eu só faço instalação elétrica, mas eu já trabalhei com construção antes. Talvez eu possa ajudar a senhora?... senhorita?

MARILDA: E o seu serviço aqui? Não quero atrapalhar. Eu moro sozinha, não sei o que fazer.

JURANDIR: *(Para tirar a dúvida)* E o seu namorado, marido?

MARILDA: *(Tímida)* Quem sou eu pra ter namorado ou marido!

JURANDIR: Vamos fazer assim: Por que a senho... rita? Não me leva pra dar uma olhada na obra e eu avalio se consigo ajudar ou não.

MARILDA: Se não for um incômodo... O senhor pode me acompanhar?

JURANDIR: Claro que acompanho.

(Música de eclipse temporal. Passos. Som de um quintal: pássaros, folhas farfalhando, uma leve brisa, som de um portão abrindo.)

JURANDIR: É... o terreno da senhora, digo, senhorita, é uma maravilha. Mas tá faltando muita coisa pra concluir a obra, né? Vai dar trabalho!

MARILDA: E o senhor vai poder me ajudar?

JURANDIR: Vou sim. Eu tenho um coração muito bom! Eu vou botar aqui num papel tudo que a senhorita vai precisar comprar pra fazer essa obra: cimento, cal, areia, cascalho...

MARILDA: Vixe, eu não vou ter dinheiro pra comprar tudo isso e ainda te pagar. *(Dramática)* Ai, é tão difícil!!!

JURANDIR: Calma, comigo a senhorita acerta depois.

MARILDA: Tem certeza? Tenho medo de depois você me apertar.

JURANDIR: Pode ficar tranquila, aperto não.

MARILDA: Então tudo bem, eu vou aceitar sua ajuda, "seu"...?

JURANDIR: Jurandir! Eu me chamo Jurandir! Vamos fazer assim: todo dia que eu não estiver no trabalho, eu vou trabalhar aqui na casa da senhora. Pode ser?

MARILDA: Pode. Fico muito gracinha.

JURANDIR: Então, até o final de semana, dona...

MARILDA: Marilda! Meu nome é Marilda.

JURANDIR: Encantado, dona Marilda.

MARILDA: *(Com jeito meigo)* Até o sábado, "seu" Jurandir.

(Jurandir vai embora, ouvem-se passos se afastando. Música de transição.)

Cena V

(Som de volta do flashback)

Narração Jurandir:

Nossa senhora, num tinha como não se apaixonar por aquela mulher. Que brilho, que simpatia! Só tinha um pequeninho... o Seu Milton, também conhecido como "meu patrão".

(Som de flashback. Som de obra ao fundo.)

MILTON: Jurandir, aqui um momentinho.

JURANDIR: Pois não, "seu" Milton?

MILTON: Cê sabe que é meu empregado... é um bom empregado. Dá problema, mas cumpre com o serviço... às vezes chega com bafo de bebida, mas dá cabo do que peço.

JURANDIR: Obrigado, "seu" Milton...

MILTON: Cê me conhece, Jurandir? Não sou homem de enrolação, vou direto ao assunto. Te vi andando com a minha filha hoje mais cedo e não gostei.

JURANDIR: Sua filha? O senhor me desculpe, mas eu não sei quem que é sua filha, não.

MILTON: Não faz de desentendido, você sabe muito bem que eu tô falando da Marilda.

JURANDIR: (*Realmente assustado*) Marilda? A Marilda é sua filha? Nem parece...

MILTON: (*Nervoso*) Quê?

JURANDIR: (*Com medo*) Nada não, "seu" Milton!

MILTON: Acho bom mesmo! E eu não quero pobre e empregado meu de rolo com a minha filha, entendeu? Fiz de tudo pra dar um futuro bom pra Marilda: ela fez curso de datilografia, fez secundário completo e trabalha desde moça! Não quero ela desperdiçando a vida de esfregação com um chucro como você...

JURANDIR: (*Surpreso*) Como assim, "seu" Milton? Rolo? Tô fazendo nada com a Ma... com a sua filha! Se tem uma coisa que eu respeito é a filha dos outro.

MILTON: Se eu souber que você tá dando em cima da minha filha, seu cretino, eu te arranco os olhos! Fica longe dela!

JURANDIR: Pode deixar, "seu" Milton! Pode deixar...

Cena VI

(*Som de volta do flashback*)

Narração Jurandir:

E mesmo a contragosto do chefe, eu passei os meses seguintes trabalhando na casa de Marilda, todos os sábados, domingos e feriados. Saía até mais cedo de casa do que quando ia trabalhar. E ia sem reclamar, porque eu gosto de ajudar os outros. Sem contar que trabalhar junto com a Marilda me dava um gosto. Ela estava sempre sorridente, prestativa. Com o tempo, a Rozana até começou a desconfiar, mas eu dizia que tava trabalhando extra. A coisa foi que eu fui tomando gosto pela Marilda. E como que eu não ia gostar? Nós passamos todos aqueles dias juntos. Só eu e ela. E ela se preocupava comigo. Fazia café, almoço, levava água pra mim quando tava muito quente... tudo com sorriso no rosto. E que sorriso, meu Deus! Um dia antes de terminar tudo, eu tomei coragem e perguntei pra ela:

JURANDIR: (*Escolhendo as palavras*) Dona... eh, quer dizer, Marilda, olha só o que eu trouxe pra enfeitar o seu jardim... não sei se a senhora vai gostar...

MARILDA: Ahh, que lindas! São mudas de rosas vermelhas, eu amo flores, eu tava mesmo querendo fazer um jardim aqui de frente na varanda...

JURANDIR: Ah, que bom que você... quer dizer a senhorita gostou! Éee... eu tava pensando em uma coisa... não sei muito bem como falar..

MARILDA: Fala, "seu" Jurandir!

JURANDIR: Só "Jurandir" por favor. Sem cerimônia. É o seguinte: tá faltando só terminar uma parte do telhado e a casa tá pronta. É que esse tempo todo que a gente passou junto, eu acabei gostando muito de você, desse lugar... aí eu fiquei pensando: (*Meio bobo*) acho que eu tô apaixonado! (*Tomando coragem*) Quer ser minha mulher e nós muda pra cá amanhã?! (*Silêncio*) Então, quer ou não quer pô?

(*Som de suspense. Música de encerramento do capítulo.*)

*

LOCUTOR: Será que Jurandir vai ficar com Marilda? Será que Marilda cederá aos encantos de Jurandir? Veja, no próximo capítulo!

ROZANA: Aposto que ela é uma dessas vagabunda, dessas que corre atrás de homem comprometido. Tenho certeza! Mas aqui: se você ama ela hoje, você... (*Chorosa*) me amou um dia?

JURANDIR: Então.... Eu... Rozana...

Fim do capítulo I

Capítulo II

Enquanto a chuva cai

Cena I

(Música de introdução)

ROZANA: *(Gritando)* AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAH, JURANDIR!!!!

JURANDIR: Calma, Rozana, calma, pelo amor de Deus!!

ROZANA: Como você tem coragem de me pedir calma, Jurandir, depois de me dizer que vai me trocar por outra?!

JURANDIR: Eu não quero briga, Rozana, eu só quero pegar minhas coisas...

ROZANA: *(Fazendo graça da fala de Jurandir)* "Eu não quero brigar". *(Com raiva)* Aaaaah, mas EU quero!!!! E eu vou brigar, meu amor! Você achou mesmo que ia chegar aqui, ia me falar que vai me largar e eu ia ficar tranquila, igual uma boba vendo você ir embora? Eu não tenho sangue de barata, não. *(Chateada)* E nem consideração por mim você teve. Você não acha que eu merecia uma conversa direito? Depois desse tempo juntos, eu tô sendo apenas a-vi-sa-da que você vai viver com uma vagabunda e tá indo embora? É isso?

JURANDIR: Eu sei que eu não tô 100% certo, viu, Rozana? Mas eu não vou te deixar na mão, pode ficar tranquila. Vou deixar a casa todinha pra você. A única coisa que quero que você entenda é que eu não tava planejando nada disso, não. *(Apaixonado)* Essas coisas de amor, elas acontecem. E aconteceu comigo e com a Marilda. E quando o amor acontece a gente não pode virar as costas pra ele. Tem que viver, sabe? Porque essas coisas não acontecem todo dia.

ROZANA: *(Magoada e com raiva)* Sabe o que você faz com essa sua baboseira toda de amor? Você pega, enrola bem direitinho e enfia no meio do teu... no teu... no teu bolso da camisa! *(Interrompe a fala com grito)* AAAAAA. Isso é praga, eu tenho certeza. Certeza. Eu ri tanto quando a

Ilma largou o Renê. Pensei: “que vergonha uma pessoa ter que passar por isso”. E agora eu tô passando por isso.

JURANDIR: (*Indignado*) Ahhh, não, não vem comparar: a Ilma fez pior. Ela sumiu no mundo com uns tal de missionários da igreja e deixou só um bilhete avisando o coitado do Renê. O homem ficou foi louco, quebrou a casa inteira de raiva. Eu, pelo menos, tô sendo homi de vir aqui te avisar pessoalmente!

ROZANA: (*Chorando*) Sabe, Jurandir? Eu até que preferia o bilhete! Pelo menos eu não ia ter que olhar pra essa tua cara de cínico!

JURANDIR: Olha, eu não vou ficar ouvindo você me ofender. E outra, Marilda tá me esperando lá em casa e, você bem sabe, mulher não gosta de esperar. Tchau, Rozana. Vê se fica bem, tá?

ROZANA: Ahh... é Marilda o nome da vagabunda?! Pera aí, Jurandir, pera aí, volta aqui!

(*Barulho de quem corre e fecha uma porta. Rozana se coloca entre a porta e Jurandir, impedindo a passagem dele.*)

JURANDIR: (*Irritado*) Sai da minha frente, mulher!

ROZANA: Eu só preciso saber de uma coisa. Você disse que agora ama “essazinha”, essa tal de “Marilda”. Aposto que ela é uma dessas vagabunda, dessas que corre atrás de homem comprometido. Tenho certeza! Mas aqui: se você ama ela hoje, você... (*Chorosa*) Você não me ama mais? Ou melhor, você me amou um dia?

JURANDIR: Então... Eu... Rozana...

ROZANA: (*Choramindo*) TÁ. Tá! Não precisa falar mais nada, não. Eu já entendi tudo. (*Com raiva*) Quer saber? Vai embora mesmo. Vai atrás do seu (*Ênfase na palavra*) “amor”. Eu quero ver quanto tempo isso dura.

Isso eu quero ver. Olha, Jurandir, eu nunca vou esquecer isso que você tá fazendo comigo. E não pensa que você vai ficar livre de mim, não. Eu vou fazer da tua vida um inferno. Eu vou mijar na tua cova; sambar em cima do teu túmulo. Melhor, eu vou convidar o morro inteiro e vou dar um pagode em cima do seu túmulo. Tá me ouvindo? Agora vai-te embora daqui! (*Barulho de porta se abrindo*) Vazaaaa. Vazaaaa. (*Barulho de porta se fechando com força*)

(*Som de volta do flashback. Ambientação de bar.*)

JURANDIR: Assim que eu saí da casa da Rozana, ela saiu também. Foi direto pra casa da minha mãe contar tudo pra ela e pra Leda, minha irmã.

NELSON: A troco de que ela fez isso?

JURANDIR: Pra pintar minha caveira pra elas. Me desmoralizar. Claro! Mas isso eu só fiquei sabendo muito tempo depois, porque a Leda tem uma língua que não cabe dentro da boca e me contou tudo. Disse ela que foi assim:

Cena II

(*Som de flashback*)

ROZANA: (*Chorando, aos prantos*) Eu não tô acreditando, Leda, não pode ser verdade...

LEDA: O que foi, Rozana? O que aconteceu dessa vez pra você ficar desse jeito?

MÃE: Desembucha logo, mulher! Coração de mãe não aguenta.

ROZANA: Eu descobri tudo, tá tudo acabado! O Jurandir chegou em casa hoje enquanto eu estava arrumando as roupas no varal e aí ele disse: eu

me apaixonei por uma outra mulher. Eu não conseguia acreditar, aí ele disse que só tava ali pra pegar as coisas dele e ir embora.

LEDA: Embora pra onde, gente? Ele endoidou de vez, esse vagabundo? Ele nem tem pra onde ir!

ROZANA: Ele me enganou esse tempo todo, eu confiava tanto nele, achando que ele estava trabalhando, sendo homem honesto. Mas não! Ele tava era colocando um belo par de chifre aqui na minha testa! Jurandir não vale o prato que ele come...

LEDA: Calma Rozana, homem é assim mesmo... isso deve ser culpa dessa outra mulher, que ficou jogando charme pra cima dele. Cê sabe que tá cheio de mulher interesseira, elas ficam bicando feito galinha, olhando pros marido das outras com inveja.

ROZANA: Homem não presta mesmo, eu fui é trouxa de não ver isso esses anos todos... depois de tudo o que eu fiz por ele!

LEDA: Longe de mim defender Jurandir, mas ele sempre foi muito influenciável, você sabe, o homem é bobo, não dá conta de fazer nada sozinho. Logo, logo ele volta pra casa, cê vai ver...

ROZANA: Na minha casa ele não entra nunca mais!! Aquela casa é minha, eu que sempre cuidei de tudo, lavando roupa, limpando, cozinhando, deixando tudo em ordem para quando ele chegasse do trabalho, do jeito que ele gostava. Tanta toalhinha que fiz pra enfeitar a casa! Eu não quero mais saber dele. Como ele teve a coragem de fazer isso comigo?! Eu não quero mais saber, acabou, tá tudo acabado!

LEDA: Eu não tô acreditando, deixa ele aparecer aqui que eu vou falar umas boas verdades com ele... mas, ô, Rozana, Deus sabe o que faz, Jurandir vai ter que assumir o que fez. E esse tempo todo a gente achando que ele estava trabalhando nos finais de semana pra vocês trocar de barracão,

mas decerto que ele tava era se esfregando com outra mesmo... tá vendo, mãe, não disse que Jurandir não vale nada?!

MÃE: Ai de mim!! Ai, que meu filho é um cafajeste! Onde foi que eu errei, minha nossasinhora...

(Som de alguém caindo no chão, barulhos de passos.)

LEDA: Mãããe!! Rozana, acode aqui, mainha desmaiou...

ROZANA: Valha-me Deus!

(Trilha sonora quaz-quaz-quaz)

Cena III

(Som de volta do flashback)

Narração Jurandir:

Pois é, enquanto a Rozana tava lá enchendo a cabeça da minha mãe e da Leda de lorota, eu tava SOZINHO terminando o telhado da minha casa com a Marilda. Sozinho não, porque a Marilda ajudou como pôde: ficou lá embaixo segurando um bambu com uma lâmpada na ponta pra iluminar onde eu tava colocando as telhas. Ahhh, eu devia ter valorizado mais a Marilda... porque ela era, assim, uma mulher boa de verdade que tava do meu lado. Até quando eu xingava a pobre, ela não falava nada, imagina! Apenas escutava toda a besteira que eu falava. E como eu falava besteira!

(Barulho de obra, telhas sendo colocadas no lugar.)

JURANDIR: Levanta essa lâmpada, mulher!

MARILDA: *(Docilmente)* Assim está melhor?

JURANDIR: Você não tem força nessa mão, não?

MARILDA: Ah desculpa... Assim melhorou?

JURANDIR: Ah, me dá isso daqui. Cê não consegue segurar uma lâmpada direito.

MARILDA: Eu vou buscar um café então, para você descansar um pouco. Vê se acalma...

(Marilda sai. Barulho de chinelo arrastando no chão. Em seguida, barulho de café sendo servido em uma xícara.)

MARILDA: Aqui, Jurandir, toma aqui pra te esquentar um pouco, meu neguinho. Tem bolo de fubá que eu fiz também... receita da minha vó.

JURANDIR: An? Ah, sim. *(Bebe um pouco do café. Fala com a boca cheia de bolo.)* Preciso terminar esse telhado logo, olha esse tempo, todo fechado. Vai molhar tudo se chover.

MARILDA: *(Envolvente)* Está tudo ótimo, você termina antes da chuva, sim. Você é um homem assim tão bom, Jurandir. Vem cá, vem... hum. Vou limpar esse bigode que se sujou todo de bolo...

JURANDIR: *(Desmanchando-se)* Ai, mulher...

(Jurandir e Marilda se beijam apaixonadamente. Barulho de trovão e de pingos d'água, que começam a se repetir consecutivamente, se tornando uma chuva grossa.)

JURANDIR: Olha só! Foi só falar! Vem, Marilda, vamo descer daqui e ir lá pra dentro. Corre, entra, antes que a chuva molhe a casa toda...

MARILDA: E agora, Jurandir? E esse buraco aí bem em cima do nosso quarto? *(Barulho de gotas d'água caindo)*

JURANDIR: *(Mostrando um pouco a raiva)* Ah, era só isso que estava faltando! Tá vendo? Se você tivesse ajudado mais, eu teria terminado tudo a tempo... e agora a gente não estaria assim!

MARILDA: Ah, minha nossa senhora! O que a gente vai fazer agora?

JURANDIR: Acho que a gente vai ter que dormir na minha mãe... *(Silêncio)* É, é o jeito. Nunca pensei que ia ter que pedir ajuda para minha mãe e para a pitaquera da minha irmã. Paciência.

MARILDA: Eu também não queria conhecer a minha sogra nessas condições, mas se é o único jeito, então, vamos. Vamos antes que escureça.

(Barulho de porta abrindo e passo no chão molhado. Ônibus, porta que abre, trânsito, passos na calçada e barulho de portão de ferro.)

Cena IV

(Som de bairro à noite: um cachorro latindo ao fundo, som de folhas sendo levadas pelo vento, chuva.)

JURANDIR: *(Batendo no portão)* Mãe, Leda! Desce aqui, abre o portão pra mim, por favor! Sou eu, Jurandir!

LEDA: *(Gritando da janela)* Jurandir?! Isso é hora de chegar numa casa de respeito como essa? E ainda por cima trazendo essa lambisgoia? Aqui você não entra com essa vagabunda nem pro resto da braba.

JURANDIR: O que é isso? Essa casa também é minha por direito! Chama minha mãe aí.

MÃE: Gente, que gritaria é essa, nessa hora da noite? Oh, meu filho, é você? O que você tá fazendo aqui uma hora dessa? Eu não posso deixar você entrar aqui com essa mulher. O que você fez com Rozana não

foi direito, e dessa vez eu não posso passar a mão na sua cabeça, meu filho. Não causa mais alvoroço aqui na porta de casa, não. Olha: minha pressão já tá até baixando de novo. Eu não posso com essas coisas de emoção, não, Jurandir. Vai embora com essa mulher daqui, pelo amor de Deus, meu filho.

LEDA: (*Cuidadosa com a mãe*) Vai deitar, mãe, que eu resolvo isso aqui! (*Para Jurandir*) Tá vendo? Pois tenha respeito pela senhora sua mãe, que já está velha e é fraca do coração! Coitada de Rozana, ô mulher boa, decente! Como que ela te aturou esse tempo todo?!

JURANDIR: Deixa de ser besta, Leda! Eu tenho minhas coisas aí dentro, abre já essa porta!!

LEDA: Pois pra entrar aqui com essazinha aí, cê vai precisar passar por cima do meu cadáver! Se é a suas coisas que você quer, tome aqui. (*Som de objetos sendo jogados no chão*) TOMA TUDO O QUE É SEU! SEU IMPRESTÁVEL, CATA O QUE É SEU NO OLHO DA RUA! ESSA TRALHA QUE SÓ FICA OCUPANDO ESPAÇO!

JURANDIR: Shhh! Para de gritar, sua louca! Você é louca, louca! Os vizinhos vão todos escutar, olhe só o que você está fazendo comigo, me envergonhando na frente de todos, na frente da Marilda!

LEDA: ISSO É PRA TODO MUNDO SABER A QUALIDADE DE HOMEM QUE VOCÊ É! SAIA JÁ DAQUI. VAI EMBORA!

JURANDIR: (*Sem achar muita alternativa*) Marilda, desculpa ter que fazer você passar por isso... você precisa saber que é a única pessoa que me importa agora...

MARILDA: Mas cê tem certeza que quer se separar da outra mesmo, Jura? Que não quer mais nada com aquela mulher?

JURANDIR: Já separei, já! Juro! Palavra do Jura!

MARILDA: (*Sempre doce*) Então tá, eu fico com você! Vamos voltar pra casa, lá a gente vê o que faz.

(*Música de transição*)

Cena V

(*Som de volta do flashback*)

Narração de Jurandir:

Marilda e eu voltamos pra casa debaixo de um temporal, quase um dilúvio. Poxa, eu fiquei tão chateado que vim o caminho todo sem conseguir dar um pio. (*Dramático*) Onde já se viu uma mãe negar abrigo pro próprio filho? Preferiu me ver humilhado e molhado no meio da rua do que deixar a Marilda entrar lá em casa. (*Determinado*) Mas é bom pra eu aprender a não dar ouvido nunca mais para aquelas duas. Me cortou o coração ver a Marilda toda molhada daquele jeito. Ela não merecia passar por isso. Mas aquela mulher é um anjo.

(*Música de transição flashback*)

MARILDA: Não fica assim, não, Jura! Isso não é culpa sua. Vai ficar tudo bem!!!

JURANDIR: Como? Me diz! A gente vai passar a noite toda molhado dentro dessa casa sem telhado? Vamo acabar é pegando uma gripe danada!

MARILDA: Não, eu tenho uma ideia!

Narração de Jurandir:

Foi aí que Marilda se mostrou, além de paciente, também muito inteligente: foi entrando pra debaixo da cama e me puxando. Eu não entendi foi nada. Pensei: "agora, pronto: tá doida igual a Rozana". Mas eu tava

tão desnordeado que acabei entrando lá de baixo também. E foi só eu entrar pra lá, pra ela já vir toda fogosa pro meu lado.

MARILDA: Tá vendo? Aqui embaixo não molha. Podemos passar a noite inteirinha aqui abraçadinhos e amanhã, quando a chuva tiver passado, você termina o telhado. Se a gente tiver um ao outro nada mais importa, Jurandir.

Narração de Jurandir:

Eu só conseguia pensar o que eu ia ser da minha vida sem aquela mulher. Naquele momento eu prometi pra mim mesmo que dali pra frente íamos ser só eu e ela. Não ia deixar ninguém atrapalhar o nosso amor.

JURANDIR: Te amo, Marilda!

MARILDA: Eu também te amo, Jurandir!

(Música de encerramento do capítulo)

*

LOCUTOR: Haveria algo capaz de destruir a paz dos dois pombinhos? Será que Marilda e Jurandir perpetuarão seus laços para toda a eternidade? E Rozana aceitará ter sido trocada? A seguir, cenas do próximo capítulo:

JURANDIR: Dinheiro? Que dinheiro, mulher?

ROZANA: *(Bem cínica)* O dinheiro da pensão que eu tenho direito e você vai me pagar.

CARIOCA: É, Jurandir, tá bem hein? Duas mulher bonita correndo atrás de você agora. *(Risada do Nelson e Carioca ao fundo)*

Fim do capítulo II

Capítulo III

Quem não te conhece que te compre!

Cena I

(Barulho de passos correndo na calçada. Respiração ofegante. Vento. Sons de rua: crianças brincando, carros, ônibus, carro de pamonha, etc. Ouve-se o barulho de um grande portão de obra se abrindo.)

NELSON: Ô, Jurandir, Corre aqui, Jurandir! Jurandirrrrrr.

(Passos se aproximam)

CARIOCA: *(curioso)* Que desespero é esse, Nelson?

NELSON: Preciso contar pro Jura uma coisa que eu acabei de ver, Carioca. Cadê ele?

CARIOCA: Tá lá em cima da obra, mas tá chegando! Eu vim correndo na frente porque fiquei foi curioso.

NELSON: *(De birra)* Mas eu só vou contar quando o Jurandir tiver aqui.

CARIOCA: Então, deixe que eu apresso ele! JURANDIIIIIIIR, CORRA MAIS RÁPIDO, MISÉRIA!

(Som de passos correndo. Jurandir chega ofegante.)

JURANDIR: Meu Deus, que gritaria é essa, gente? Cês tão ficando doido?

CARIOCA: A culpa é do Nelson, diz ele que tem um mexerico pra te contar!

NELSON: Não é mexerico, não, viu? Eu vi com esses olhos que terra há de comer!

JURANDIR: Uai, fala logo, então.

NELSON: Eu tava lá na padaria do Seu Feitosa, tomando um cafezinho...

CARIOCA: Óia, tava tomando café no horário de expediente. Se Seu Milton fica sabendo disso...

NELSON: Ô, Carioca, cê para de ser intrigueiro. Eu tava era precisando de café pra acordar. E deixa eu terminar de contar o trem.

CARIOCA: Pois conte, não tô lhe segurando a boca!

NELSON: Ai, ai. É o seguinte, Jurandir: Eu tava tomando um cafezinho lá na padaria do Seu Feitosa quando eu vi lá embaixo, virando uma esquina, a sua ex.

CARIOCA: A Rozana?

NELSON: Ela mesma. Tava toda arrumada, vestido bonito, salto, perfume cheiroso e o cabelo solto balançando dum lado pro outro no vento. E, ó, ela tá vindo pra cá e não tá com cara de bons amigos, não. Tá vindo bufando.

JURANDIR: Mas como foi que você sentiu o perfume da danada? (*Tempo breve, sem deixar Nelson responder.*) Eu sou um azarado mesmo! Era só o que me faltava, a Rozana vir fazer barraco no meu trabalho!

(*Sons de batida no portão de metal*)

CARIOCA: Ihhhhhhh.

NELSON: Chegou, chegou. Vam'bora, Carioca. O negócio aqui vai ficar feio.

CARIOCA: Mas eu quero ver..

NELSON: (*Empurrando Carioca*) Vamo emboraaaa. (*Sons de passos se distanciando*)

(Som de volta do flashback)

Narração de Jurandir:

Vocês lembram desse dia, não lembram? (*"Ãhãs" ao fundo*) Eu achava que já tinha ficado livre da Rozana. Já tinha quase um mês e meio desde o dia que eu tinha largado ela e tava com a Marilda. Depois disso nunca mais tinha visto a figura. Mas é aquela coisa: se livrar de encosto não é fácil. Foi até engraçado ver ela ali, na minha frente. Tava diferente, bonita, vestido novo... será que ela tinha arrumado um namorado novo? E se tinha, será que ele era melhor que eu?

NELSON: (*Ri*) ...homem melhor que você é fácil né, Jurandir?!

JURANDIR: Claro que não. Impossível homem melhor que eu! Se ela tivesse arrumado outro homem não tava ali, né? (*Pondera*) É!

(Som de flashback. Som de rua.)

ROZANA: (*Com simpatia exagerada*) Boa tarde, Jurandir! Como vai?

JURANDIR: (*Pigarreia. Responde em tom forçado.*) Boa tarde, Rozana! Vou bem!

ROZANA: Ah, eu também estou ótima. É impressionante como o tempo só me fez bem.

JURANDIR: É, tô vendo... (*Silêncio constrangedor*)

ROZANA: Jurandir, eu vou direto ao ponto, tá? Não vou mentir: durante muito tempo eu senti raiva de você. (*Leve rompante de raiva*) Eu queria acabar com você! (*Respira*) Mas o que de bom isso me trouxe? Nada. Esses dias tava lá em casa e comecei pensar: (*Cínica*) "Não vale a pena guardar mágoas do Jurandir. Ele é um homem tão bom. Tão trabalhador. Tão certo com as suas coisas. A única coisa que quero dele é... é o dinheiro". (*Ri*)

JURANDIR: Dinheiro? Que dinheiro, mulher?

ROZANA: (*Bem cínica*) O dinheiro da pensão que eu tenho direito e você vai me pagar. Somando, foram 5 anos juntos em que eu me dediquei totalmente a você: Cozinhei, passei, cuidei, fiz toalhinha, aturei teu ronco, fiz teu café. Isso deve dar um total de... 5 milhões de cruzeiros por mês.

JURANDIR: (*Rindo*) Coitada! Você continua doida como sempre. De onde você tirou isso? 5 milhões? Você tem ideia de quanto preciso trabalhar pra juntar esse dinheiro?

ROZANA: É a lei, Jurandir! É a lei!

JURANDIR: Que lei é essa que eu nunca ouvi falar? Essa lei aí não existe! Não existe juiz no mundo que concordaria com uma sandice dessa. Nem casado no papel a gente era, só amigado.

ROZANA: (*Perdendo a pose e começando a gritar*) Você tem que me pagar. Eu tenho direito depois de tudo que você me fez passar. Como que eu vou sustentar aquela casa do dia pra noite sozinha?

JURANDIR: Vai trabalhar, minha filha. O Brasil tá aí, ó, crescendo! Você consegue um emprego ou algum bico! Eu é que não tenho mais nada com a sua vida, não.

ROZANA: (*Choramando*) Não fala assim, Jurandir. Você não se importa mais nem um pouco comigo? (*Chora*)

JURANDIR: Para de dar show aqui e me fazer passar vergonha. Eu só me preocupo com a Marilda e a nossa casa, agora, que tá ficando uma belezinha!

ROZANA: (*Secando as lágrimas. Tom de vingança.*) A casa não é sua! A casa é daquela mocreia!

JURANDIR: (*Nervoso*) Ahhh, (*Tocando ela para fora*) vai embora daqui, vai, Rozana. Vai caçar seu rumo!

ROZANA: (*Choramizando*) Eu vou embora, sim. (*Se recompondo*) Mas antes eu vou dizer uma coisa: essa mulher, essa Marilda, não é quem você pensa que é.

(*Som de suspense*)

JURANDIR: (*Furioso*) O que você quer dizer com isso?

ROZANA: Tô querendo dizer que você me largou pra ficar com uma fulana que você nem conhece direito.

JURANDIR: (*Com raiva*) Ah, e você conhece ela???

ROZANA: Conhecer, não conheço. Mas sei das histórias que rolam sobre ela por aí...

JURANDIR: (*Desconfiado.*) Que histórias são essas?

ROZANA: Não sei se eu devia te contar.. (*Debochada*) Você tá apaixonado por ela, e eu não quero envenenar um "amor" tão bonito. (*Quase não se segurando de vontade de rir*)

JURANDIR: Debochada! Quem não te conhece que te compre, Rozana. Fala logo o que você sabe antes que eu perca a paciência.

ROZANA: (*Soltando tudo*) Ô, Jurandir, larga de ser idiota. Ela é uma aproveitadora. Ela vai sugar tudo que pode de você e quando não sobrar mais nada, ela vai meter o pé na sua bunda e pular pro próximo. Assim como ela fez com vários outros homens. Como você acha que ela conseguiu aquele terreno?

JURANDIR: Mentirosa! Para de ser mentirosa, Rozana!!! A Marilda é um anjo. Ela é trabalhadeira, entendeu? Trabalhadeira! É escriturária do INPS! Você sabe o que é isso? Não sabe, né? Nunca trabalhou e vive de inveja das outras!

ROZANA: Homem é bicho bobo mesmo, né? Quando ela te mandar pastar, eu vou ser a primeira a rir da sua cara de trouxa!

(Música de tensão. Som de volta do flashback.)

Cena II

Narração Jurandir:

Aquela mulher só podia ser o Bicho Ruim, não largava do meu pé, não me esquecia! E eu ainda tinha que aguentar *(Tom irônico)* "colega de trabalho" me aporrinhando depois.

(Gargalhadas ao fundo. Som de flashback. Risos. Barulhos de passos se aproximando.)

NELSON: Shh Jurandir tá vindo, finge que tá trabalhando. *(Barulhos de marteladas)*

JURANDIR: O que vocês tão falando, hein? Que que foi que tavam me olhando? Tão me achando bonito, por acaso?

(Nelson e Carioca seguram a risada)

JURANDIR: O que que foi, pô? Vão ficar rindo de mim?

CARIOCA: É, Jurandir, tá bem hein? Duas mulher bonita correndo atrás de você agora. *(Risada do Nelson e Carioca ao fundo)*

JURANDIR: Ahhhh cês num tem mais o que fazer, não? Chei de serviço pra fazer. E a Rozana é bonita onde? Agora deram pra se interessar pela doida!

NELSON: *(Tom meio irônico)* Não, que isso, Jurandir... todo respeito a sua mulher... e com a ex também. Mas até que ficar sem você fez bem pra ela, hein? *(Gargalhadas)*

JURANDIR: Olha só, já deu. Já basta aquela alucinada vir aqui querer me roubar dinheiro suado, eu não tenho que ficar aguentando merd...

NELSON: Que isso, Jura, calma!!

CARIOCA: É, calma! Era só um comentário...

JURANDIR: Ah, era só um comentário, tá bom. Eu vou é continuar meu serviço aqui e deixar vocês aí, nos seus "comentários". Vou é trabalhar para conseguir meu dinheiro. *(Barulhos de furadeira)* Vou fazer é meu trabalho, sabe!!

NELSON e CARIOCA: Jura, cuidado com essa fiação elétrica solta aí... *(Barulho de pequena explosão)*

NELSON: Meu Deus, o que você fez, Jura?

(Barulhos de uma pessoa correndo. Milton entra.)

MILTON: O que é isso daqui? O que que aconteceu, Jurandir?!

JURANDIR: Seu Milton, eu... eu posso explicar. Foi um curto-circuito... acho que queimei toda a rede elétrica da obra...

MILTON: *(Nervoso)* Curto-circuito? Você tem noção do prejuízo que seu erro vai me causar, seu traste?!

JURANDIR: Eu tive uns problemas aí com a minha ex, seu Milton... é que a Rozana, ela...ela veio aqui e me estressou, aí eu me distraí e acabei fazendo besteira.

MILTON: Uma mulher te distraiu, você fez essa merda toda e agora está choramingando comigo?!

JURANDIR: Ô, seu Milton, foi um acidente...

MILTON: Acidente, nada! Isso foi barbearagem sua e vai sair do seu bolso!

JURANDIR: Que isso seu Milton, eu não tenho culpa, o Nelson e o Carioca que estavam me atormentando, por isso que eu errei.

NELSON: Iiih ó, não vem não...

MILTON: Eu não quero nem saber, do bolso de alguém vai sair, do meu é que não vai ser! Onde já se viu... Até hoje eu não aceitei direito esse seu namorico com Marilda, você vem se encontrar com a sua ex debaixo das fuça da minha filha e ainda faz merda na minha obra! Agora, se vira e paga o prejuízo!

(Barulho de passos de alguém se distanciando)

JURANDIR: Ter que pagar o acidente! Essa Rozana vai me pagar, ah, vai! Só atazana a minha vida e ainda me dá um prejuízo desse!

(Silêncio)

CARIOCA: Jurandir, vai dar tudo certo. Deixa essa mulher pra lá que dessa vez a culpa não foi dela.

NELSON: É, quer saber, vamo pro bar esquecer isso tudo. Tem um jogão logo mais e eu já tô com a garganta seca.

(Música de transição)

Cena III

(Barulho de chaves e porta se abrindo)

JURANDIR: Cheguei...

MARILDA: Ôoh, Jura, cê demorou pra chegar, hein?!

JURANDIR: É... depois do trabalho fui com o pessoal no Bar do Zé. Num tô bom hoje, não... briguei com teu pai no trabalho hoje e... desde quando eu tenho que te dar satisfação agora?!

MARILDA: Foi pro bar de novo, Jurandir? Plena quarta-feira? O que aconteceu lá na firma?

JURANDIR: E o que que tem isso?! Eu vou no bar o dia que eu quiseer.. olha aqui, mulher nenhuma vem mandar em mim não... TÔ PUTO! Um curto circuito aconteceu lá na obra, queimei toda a rede elétrica, e agora seu pai quer que eu pague tudo. Onde já se viu isso?! Eu não tenho como pagar, o pouco dinheiro que eu tinha eu ajudei a construir essa casa!

MARILDA: Ahh, Jurandir, mas você é o eletricista, meu pai confiou em você... ele também não tem como pagar, você sabe que ele está cheio de dívidas...

JURANDIR: Ahh... agora cê vai ficar defendendo teu pai?! Cadê minha janta?!

MARILDA: Eu não fiz a janta hoje, não. Como você demorou pra chegar, não avisou nada, eu acabei comendo qualquer coisa... foi pro bar e bebeu sem comer, é isso, Jura?

JURANDIR: Ahh era só o que faltava... eu trabalho o dia inteiro e você não pode fazer uma janta pra mim?

MARILDA: Ahh Jurandir... Tô cansada, trabalhei lá na firma, depois lavei a cozinha, arrumei toda a bagunça de ontem, então comi qualquer coisa. Eu já estava indo deitar porque amanhã acordo cedo. Você tá bêbado... cheirando a cachaça... credo... nossa...

JURANDIR: Olha aqui... Eu não tô bêbado, não! Eu nem bebi direito!

MARILDA: Escuta, você tá chegando tarde todo dia em casa... então na certa você deve tá se esfregando com outra sirigaita...

JURANDIR: Ahh, para de inventar coisa, mulher...

MARILDA: Pode falar a verdade, você está com outra? Aliás, faz um tempo que você não me procura mais na cama, Jurandir!

JURANDIR: Olha, Marilda, você me respeita! Tá desconfiada de quê, mulher? Não tô me deitando com mulher nenhuma... e não é que o Jura aqui não chame atenção das moça, não... mas é que trabalho feito um burro de carga mesmo. Agora vá logo esquentar minha janta!

MARILDA: (*Triste, mas resignada*) Não tem comida pronta, já disse! Mas se você quiser, eu posso fritar uns ovos pra você comer com pão.

JURANDIR: Credo... mas cê não presta nem pra deixar uma janta pronta? E agora eu fico como?! A Rozana nunca deixou de fazer uma janta gostosinha pra mim. Eu chego do trabalho cansado, morto de fome, e a única coisa que eu quero é ter minha mulher cheirosinha, minha comida na mesa... agora só falta você vir falar para eu lavar a minha própria roupa! Era só o que me faltava... pelo menos a Rozana...

MARILDA: (*Chorando*) Ah, é?! Tá com saudade? Volta pra ela, então... já que você tá sentindo falta dela... (*Perdendo a paciência*) Deve ser por

isso que você nem está mais me querendo... *(No auge da sua raiva)* Não mente pra mim, você tá se engraçando com outra sim!

JURANDIR: Ah, Marilda você não me provoca... depois de tudo que eu fiz por você, sua ingrata? Você me respeita!

MARILDA: Chega, Jurandir... Chega! Eu tô cansada! Já disse que tô cansada de tudo isso!

(Som de tapa na cara. Música de encerramento.)

*

LOCUTOR: Mistérios... Intrigas... Parece que a paz deste casal foi apenas temporária... quem será que perdeu as estribeiras? Será que a história deste casal terá uma reviravolta? A seguir, cenas do próximo capítulo!

MILTON: Não sei... não conheço... mas acho que de vez em quando ela aparece por aqui...

MARILDA: Até parece com a Rozana... mas não deve ser ela não... deixa eu chegar mais perto... peraí, é a Rozana sim! Tá mudada, mas é a Rozana! O Jurandir voltou a conversar com a Rozana?

Narração de Marilda:

Acompanhei Jurandir saindo da nossa casa com lágrimas nos olhos. Cada passo que ele dava pra longe de mim era um soluço que eu soltava.

Fim do capítulo III

Capítulo IV

O outro lado da moeda

Cena I

(Som de construção ao fundo)

MILTON: Oh, minha filha, que surpresa boa você por aqui! Veio visitar o pai?

MARILDA: Oi, pai, bença! Tá tudo bem com o senhor? Aproveitei que peguei licença hoje pra ir no médico e vim ver meu pai...

MILTON: Tá tudo na santa paz... tirando aquelas dívidas, tudo na santa paz! *(Risinhos nervosos)*

MARILDA: Pois então, é sobre isso que eu vim falar com o senhor: já recebi o ordenado do mês e vim pagar uma parte do dinheiro que o senhor me emprestou.

MILTON: Ah, minha filha, não precisa se preocupar com isso não, teu pai dá um jeito, você não tem dívida nenhuma comigo não... eu faço é gosto de ver você se ajeitando na vida. E como vão as coisa? E o casório com o Jurandir, sai pra quando?

MARILDA: Ah, pai, logo saí! Tô querendo mesmo oficializar nossa união! Mas eu queria terminar de pagar a casa primeiro, pra começar tudo certinho, sabe? Falando nisso, cadê ele hein?

MILTON: Tá certa, minha filha, mas não tá direito esse negócio de ser amigada sem casar, não. Deus não gosta! *(Tempo)* O Jurandir deve estar lá no galpão junto com o pessoal, vamos lá...

(Sons de passos)

MILTON: Ó o Jurandir ali de costas... vou chamar ele!

MARILDA: Peraí, pai, não precisa! Quem é aquela mulher com quem ele tá conversando?

MILTON: Não sei... não conheço... mas acho que de vez em quando ela aparece por aqui...

MARILDA: Até parece com a Rozana... mas não deve ser ela não... deixa eu chegar mais perto... peraí, é a Rozana sim! Tá mudada, mas é a Rozana! O Jurandir voltou a conversar com a Rozana?

MILTON: Rozana? Quem é essa?

MARILDA: É a ex-mulher do Jurandir... o senhor disse que ela vem sempre aqui, pai?

MILTON: *(Sem muita certeza)*: É... eu acho que sim... mas não sei, não estou muito certo... ah, minha filha, você sabe: estou velho, sou míope...

MARILDA *(Nervosa)*: Tá bom, pai, tá bom... Eu acho melhor eu ir pra casa... outro dia eu volto, tô seu dinheiro aqui... não queria tá atrapalhando o senhor aqui no trabalho. Chegando em casa eu converso com o Jurandir..

(Sons de passos rápidos se afastando. Som de flashback.)

Narração de Marilda:

Fui correndo pra casa aos prantos... Eu não tava acreditando no que eu tinha acabado de ver. E é por isso que eu não posso deixar só o Jurandir contar essa história. Agora, vocês vão saber a minha versão dos fatos...

(Som de volta do flashback)

Depois que eu vi o Jurandir lá na obra conversando com a Rozana, fiquei cheia de coisa na cabeça: será que ele estava comigo e com ela ao mesmo tempo? Não é possível, ele jurou que tinha largado ela... eu não conseguia

pensar direito, não sabia se ela tava pra voltar pra ele ou se ele que chamou a Rozana. Eu só chorava de raiva, de dor, de ciúmes!

Eu só conseguia pensar que eu tava fazendo algo errado, que Jurandir tava insatisfeito comigo. Será que ele não gostava mais de mim? Será que depois que ele foi morar comigo, ele notou que a Rozana era melhor que eu? Eu só conseguia pensar que eu era a culpada daquilo, mas não me passava pela cabeça que o Jurandir era, na verdade, um tremendo de um egoísta!

Quando eu cheguei em casa, tava tudo bagunçado do dia anterior. Fui lavar a cozinha pra distrair a mente, mas eu não conseguia parar de pensar naquela cena. Lavei fogão, limpei os armários, saí jogando água sanitária no piso, e nada do Jurandir chegar. Fui tomar banho e lá pelas tantas já tinha falado pra mim mesma que era melhor deixar quieto, que aquilo que eu tinha visto não significava nada, depois de tudo que Jurandir fez por mim, construindo aquela casa inteira quase que sozinho... Quando eu já estava indo dormir, o Jurandir chegou. Ele tava cheirando a cachaça e tropeçando no próprio pé! Foi logo pedindo pra eu fazer a janta pra ele...

(Som de flashback)

JURANDIR: *(Bravo)* Eu trabalho o dia inteiro e você não pode fazer uma janta pra mim?

MARILDA: Ah Jurandir... Tô cansada, trabalhei lá na firma, depois lavei a cozinha, arrumei toda a bagunça de ontem, então... eu já estava indo deitar porque amanhã acordo cedo. Você tá bêbado... cheirando a cachaça... credo... nossa...

JURANDIR: Olha aqui... Eu tô bêbado sim, e daí? Bebo porque gosto!

MARILDA: Escuta, você tá chegando tarde todo dia em casa... *(sem conseguir se controlar)* você tá se encontrando com outra mulher, Jurandir?

JURANDIR: Ah, para de inventar Marilda...

MARILDA: (*Outro tom*): Pode falar a verdade, Jurandir, você está com outra? Faz um tempão que você não me procura mais na cama! Você acha que eu não sinto sua falta?

JURANDIR: Olha, Marilda, você me respeita! Tá desconfiada de quê mulher? Não tô me deitando com mulher nenhuma, não... e não é que o Jura aqui não chame atenção das moça, não... mas é que trabalho feito um burro de carga mesmo. Agora vá logo esquentar minha janta!

MARILDA (*Triste, mas resignada*): Não tem comida pronta, já disse! Mas se você quiser, eu posso fritar uns ovos pra você comer com pão.

JURANDIR: Credo... mas cê não presta nem pra deixar uma janta pronta? E agora eu fico como?! A Rozana nunca deixou de colocar a janta pra mim. Eu chego do trabalho cansado, morto de fome, e a única coisa que eu quero é ter minha mulher cheirosinha só pra mim (MARILDA: Sai, Jurandir.) minha comida na mesa... agora só falta você vir falar para eu lavar a minha própria roupa! Era só o que me faltava... pelo menos a Rozana...

MARILDA: (*Perdendo a calma e dando mais força à sua desconfiança*) Aah, é? Tá com saudade? Volta pra ela, então... já que você tá sentindo falta dela... deve ser por isso que você nem está mais me querendo...

JURANDIR: Ah, Marilda você não me provoca... depois de tudo que eu fiz por você, sua ingrata? Você me respeita!!!

MARILDA: Chega Jurandir.. Chega! Eu tô cansada! Já disse que tô cansada de tudo isso!

(*Som de tapa na cara*)

Narração de Marilda:

Acho que eu nem teria falado nada se ele não tivesse tocado no nome dela. Eu não vou ser feita trouxa. Eu estava realmente gostando do

Jurandir e pensava muito em casar de papel passado, até na igreja eu tava querendo! Deus é testemunha disso! Ele veio nervoso e bêbado pra cima de mim, e eu não lembro bem, foi rápido... ele me deu um tapa, falou que eu tinha que aprender a respeitar ele... e como ele pode me bater? Na hora, eu catei as coisas do Jurandir e mandei ele embora...

Cena II

(Chiado de rádio. Ouve-se música de "fossa" durante um tempo até pouco a pouco ir sumindo e ir revelando um choro. Música de piano em dó menor.)

Narração de Marilda:

Acompanhei Jurandir saindo da nossa casa com lágrimas nos olhos. Cada passo que ele dava pra longe de mim era um soluço que eu soltava. Quando fechou o cadeado do portão e se virou para me olhar, eu senti uma pontada no peito como se algo me dissesse: "agora acabou pra sempre!". *(Choro)* Para de chorar, Marilda! *(Dando tapinhas no rosto)* Para de chorar!!! Assim que o Jurandir saiu lá de casa, eu corri pro nosso... pro meu quarto! Peguei umas mudas de roupa e fui pra casa do meu pai. Claro que tive medo de andar sozinha àquela hora da noite na rua, mas o medo maior era de que ele voltasse e me encontrasse ali desprotegida. Fui correndo pela rua vazia e silenciosa. Um vento gelado que parecia cortar a minha alma. O coração acelerado, não sei se de raiva, não sei se de medo. Se alguma coisa acontecesse comigo naquele momento, só Deus seria testemunha. Quando virei a última esquina e cheguei na casa do meu pai, senti um alívio tão grande!

(Respiração ofegante de Marilda)

MILTON: *(Assustado)* Minha filha, o que você tá fazendo aqui uma hora dessas? *(Silêncio, ouve-se apenas a respiração ofegante de Marilda)* Que marca é essa no seu rosto, Marilda?

MARILDA: Pai... Jurandir e eu brigamos....

MILTON: *(Interrompendo Marilda com fúria)* Esse desgraçado machucou você??? Eu sabia que ele não prestava. Cadê ele? Ah, se eu vejo esse covarde na minha frente eu não respondo por mim... eu mato ele!

MARILDA: Não, pai, vamos entrar. Eu nunca mais quero ver ele. Só quero deitar, dormir e esquecer que isso aconteceu.

(Som de flashback)

Narração Marilda:

Mas não eu esquecia... coitada de mim. Virei a noite pensando em tudo o que tinha acontecido, era como um filme na minha cabeça, revendo tudo... a Rozana, a briga, o tapa... no dia seguinte, assim que o galo cantou, eu acordei com os gritos do Jurandir no portão da casa do meu pai.

JURANDIR: MARILDAAAA. MARILDA. EU SEI QUE VOCÊ TÁ AÍ. FALA COMIGO POR FAVOR. MARILDA!!!

(Som de porta abrindo com força)

MILTON: Vai-te embora daqui, seu covarde. Minha filha não tem nada pra falar com você!

JURANDIR: Seu Milton, dá licença que meu assunto é com a Marilda, não é com o senhor.

MILTON: Depois que você teve coragem de levantar a sua mão pra machucar a flor que é minha filha, seu assunto passou a ser comigo sim! E se você não for embora eu vou lá dentro pegar a minha garrucha e lhe meter um tiro nas fuças, seu canalha.

JURANDIR: Canalha é o teu pai!

Narração de Marilda:

Quando meu pai ameaçou pegar em arma pra machucar o Jurandir, eu me assustei. Fiquei com medo daquilo ali virar caso de polícia. Imagina as manchetes do jornal do dia seguinte: "Esta é mais uma reportagem da Rrrrráááááádio Continental, na cobertura sensacional do crime sangrento que abala Belo Horizonte: Jurandir, nosso fabuloso Jurandir, foi brutalmente ferido com uma garrucha por seu ex-sogro, o enigmático Milton das 'Construções para você'". (*Assustada com os próprios pensamentos*) Deus me livre e guarde, isso não. Tomei coragem e corri pra porta junto de meu pai. Se o Jurandir me visse, talvez ele fosse embora.

JURANDIR: Ô, minha Marildinha. Eu preciso muito falar com você, deixa eu te explicar tudo que vai ficar tudo bem... eu preciso de você, Marildinha!

MILTON: Não adianta fingir. A minha filha agora sabe muito bem o vigarista e vagabundo que você é. Ela nunca mais vai lhe dirigir a palavra.

JURANDIR: Eu não sou nenhum vagabundo não, seu carcamano. Eu sempre ajudei muito sua filha. Fala pra ele Marilda, fala. (*Silêncio da Marilda*)

JURANDIR: (*Desesperado*) Tá calada por que, Marildinha? Fala comigo. Fala alguma coisa!!!

MILTON: não falou porque não tinha nada pra falar! Minha filha, se você não der um jeito, eu mesmo ponho esse calhorda para fora daqui.

(*Som de tensão*)

MARILDA: (*Com voz cansada, controlada, mas firme*) Eu não vou falar com você, Jurandir! Vai embora agora! Me deixa!

(*Som triste*)

MILTON: E olha, não precisa aparecer nunca mais na construção! Eu não trabalho com covarde que bate em mulher! Tá dispensado do serviço!

Cena III

Narração de Marilda:

Depois de uma semana dessa briga entre Jurandir e meu pai, fui tomar um café na casa da vizinha aqui perto, a Vanilda, mulher do Carioca. Joguei uns verdes e ela acabou me contando tudo o que ele andava arranjando. Me disse que, depois que parou de trabalhar pro meu pai, Jurandir montou o próprio negócio. Me contou que a loja ficava ali na Silvano Brandão, um galpão com saída pra rua. Bem que ele vivia falando disso... quando a gente tava junto, às vezes, ele cansava muito do trabalho com o pai e falava que ia largar esse tipo de serviço e que ia se arranjar, que não ia ser mais explorado. Teve um dia que a gente até quase brigou por causa disso!

(Som de flashback)

JURANDIR: Mas eu num fico mais um dia naquela obra!

MARILDA: Que que foi, Jura? Não fica mais onde?

JURANDIR: Seu pai não me explora mais um dia! Tá ouvindo? Nem mais um dia. É serviço demais e dinheiro de menos. Ele acha que eu sou capacho, é? Nem carteira assinada eu tenho ali!

MARILDA: Uai, Jura, não é assim... calma, vamo conversar com o pai primeiro, acertar as coisas.

JURANDIR: Ô, Marilda, eu num sô bobo, não. Seu pai acha que eu num penso, mas ele que se engana: eu penso! É ruim, hein! Trabalhar feito condenado e receber miséria, eu não.

MARILDA: Vai com calma, Jura. E o que cê vai arranjar sem os trabalhos que o pai te arruma?

JURANDIR: Eu vou montar meu próprio armazém de material de construção, trabalhar o quanto eu quiser e ter meus próprios empregados que eu vou pagar direito, não vou fazer igual seu pai, não.

Narração de Marilda:

Eu achava que era tudo lorota dele. Mas depois de toda essa confusão, ele teve que se arranjar. Parece que ele tava até com bastante material, colocou inclusive uns na calçada, pro lado de fora. E foi aí que ele se enroscou. Chegou um tenente lá na loja pra mandar ele guardar o material que atrapalhava o passeio. Ele até tentou ser esperto, deu pra discutir com o tenente. Mas bater boca com autoridade? Justo nesses tempos? Vê se pode!

Bem nesse dia da confusão, bateu uma saudade: eu fingi que fui fazer umas compras e passei perto da loja dele. Quando vi o bate-boca, e sei bem o tipo de homem com quem eu vivi, me escondi atrás de uma Brasília vermelha que estava estacionada pra espiar o que tava acontecendo. Me abaixei e fiquei vendo tudo através do vidro do carro!

(Som de flashback)

JURANDIR: Ô, seu capitão, ou melhor, seu major.. então, esses material tão aqui só porque acabaram de chegar, o rapaz já vai colocar pra dentro. Não precisa preocupar, pode ir que eu guardo tudo aqui. Não vou mais atrapalhar o passeio aqui, não, pode ficar sossegado seu coronel, tenente...

Narração de Marilda:

E o Tenente deu um ultimato: ou ele tirava as coisa ou ia em cana. *(Ri)* Quando o tenente chamou o cabo pra fechar a loja, Jurandir ficou enfezado e não aceitou, quis peitar! Bateu boca com os militares! Foi aí que não teve jeito, o tenente mandou prender o Jurandir. Algemaram o Jurandir com uma brutalidade de dar dó. Parecia que tava machucando ele, coitado. Meu coração não aguentou e eu gritei:

MARILDA: Juraaaaa!

JURANDIR: Marilda? Marilda, o que tá fazendo aqui? Ei, me solta. Me deixa ao menos falar com ela. Me solta! Marilda!

(Barulhos de passos, sons de uma porta de carro sendo aberta, Jurandir é jogado dentro do carro e a porta é fechada. Som de Jurandir gritando lá dentro "Marilda!" Som de sirene de polícia. Música de encerramento da novela.)

*

LOCUTOR: E agora? Qual o desfecho possível para este casal? Jurandir conseguirá se livrar da prisão? Não perca o último capítulo de *A volta para Marilda*, na próxima quinta, aqui, no seu *streaming* favorito.

Fim do capítulo IV.

Último capítulo

Águas passadas não movem moinhos

Cena I

(Jurandir, Nelson e Carioca estão bêbados no bar. Ambientação de bar e de cidade. Barulhos de passos, vozes ao fundo, copos.)

CARIOCA: É Jura, então foi por isso que a Marilda te largou, você bateu nela! Eita homem pra fazer coisa errada, viu? Agora eu entendo porque seu Milton ficou tão bravo e mandou você embora.

JURANDIR: Ô, Carioca, por um lado foi até bom ele ter me mandado embora, ao contrário de você, eu não aguento ficar sendo explorado. E outra, essa confusão toda com a Marilda foi acidente. Seu Milton que se descompensou. Cê sabe que ele é briguento mesmo.

CARIOCA: Hm, sei bem quem é briguento. Mas e agora, o que cê tá arruando? Porque de brisa não dá pra viver...

JURANDIR: Ah, eu tô tentando montar minha loja, só que, sabe como é, os milico barra tudo. Tive até que comparecer na delegacia uma hora, mas coisa boba...

NELSON: Que isso Jurandir, que história de cadeia é essa?! Virou subversivo, rapaz?

JURANDIR: Ah, tudo uma grande injustiça desses policial aí, tudo confusão boba. Mas minha Marildinha tava lá, viu eu sendo levado pra delegacia e foi atrás de mim toda preocupada... Te contar, viu? A gente é trabalhador direito, se esforça pra conseguir um dinheiro suado, e vem uns sargentos e joga tudo fora. Da onde já se viu ser preso por colocar material na calçada? Quero ver alguém me mostrar a lei que impede alguém de usar a calçada da própria loja. Um absurdo. Ah, mas num tinha nada de ruim que minha Marildinha não conseguia melhorar. Mal, mal trancaram a cela e a mulher já tava lá exigindo que eu fosse solto. Só sei que quando me soltaram, ela tava lá na porta, toda linda, me esperando.

(Som de flashback. Barulho de porta sendo aberta, passos, barulho de rua, carros e ônibus passando. Vozes de pessoas ao fundo.)

JURANDIR: Minha Marildinha, como eu tava com saudades... *(Dengoso)* me dá um abraço!

MARILDA: Ai, Jurandir, sai pra lá, cê tá fedendo, credo.

JURANDIR: É, eu sei... xilindró é ruim mesmo quando é por pouco tempo. Assim que a gente chegar lá em casa, eu corro direto pro banho. Agora vem cá, vem, dá uma bituquinha, dá!

MARILDA: Sai, Jurandir! E aqui, "a gente" chegar em casa? Cê tá achando que vai voltar para a *minha* casa só porque eu vim aqui te tirar da cadeia? Não vai, não.

JURANDIR: Ah, Marilda, para de besteira! Esquece aquela briga. A gente se ama, fomos feito um pro outro. E ó, eu vou dá um jeito nesse rolo da loja aí... eu vou ganhar bastante dinheiro, Marildinha, e a gente vai poder casar e ter uns meninu...

MARILDA: Não quero saber de nada de loja, nem de eu e você mais, muito menos de meninu! Eu só vim aqui te tirar por dó, e isso aqui é o último capítulo da nossa história, entendeu? "Nós", Jurandir, são águas passadas!

JURANDIR: Ô, peraí, vamo conversar. Foi só um desentendimento bobo, a gente supera.

MARILDA: Desentendimento bobo? Ah, Jura... Jurandir, cê não mede as contas do que você faz não? Você me bateu!!! E depois ainda por cima me comparou com outra?

JURANDIR: Ô, Marildinha, foi só...

MARILDA: Quer saber, nem responde, não quero nem ouvir. Meu pai tá certo, não tem que dar trela a homem descompensado. Agora, me dá licença que eu já cumpri o que vim fazer aqui. Pronto, cê tá solto, por isso posso voltar pra minha casa.

JURANDIR: Ah ô, Marilda, aquela casa também é minha. Fiz muita coisa lá!

MARILDA: Aquela casa é minha! O terreno tá no meu nome. Olha só, meu ônibus tá passando... se eu perco esse só depois de uma hora... *(Barulho de ônibus se aproximando)*

JURANDIR: Você ainda vai perceber o que tá perdendo, mulher! Ainda vai me procurar..

(Barulho de porta de ônibus abrindo)

MARILDA: Não dá mais, Jura. Eu resolvi seguir minha vida sem você, entende isso, por favor. *(Som de porta do ônibus fechando, ônibus indo embora.)*

(Som de volta do flashback. Ambientação de bar.)

NELSON: É Jura, deu mole, hein? Perdeu uma mulher boa, que cuidava de você.

JURANDIR: Perdi nada, Nelson. A gente ainda fica junto de novo, cê vai ver. Ela ainda me quer, que eu sei... *(Nelson e Carioca riem de deboche)*

(Som de flashback)

Cena II

(Música de entrada da cena. Som de bairro: sons de cozinha, sons de pratos sendo colocados na mesa, alguém mexendo em talheres.)

MÃE: Jura, meu filho, quer que serve seu prato? Olha, fiz feijoada do jeito que você gosta com bastante toucinho e bacon!! Você tá muito magro, meu filho! Pode encher o bucho à vontade! Té porque acho que cê tava era comendo mal com aquela lá...

JURANDIR: Eita que tá do jeito que eu gosto mesmo! Com a couve picadinha junto com laranja. Hmm... só faltou a farofa pra acompanhar..

MÃE: Faltou, nada! Olha aqui a farofa com a farinha torrada na manteiga de garrafa!

JURANDIR: hmmm, o trem tá é bom!! Vou até desabotoar os botão da calça pra abrir espaço pra caber mais...

LEDA: Ihh... foi só Jurandir voltar pra essa casa que a senhora agora faz tudo do gosto dele, né, mãe...

MÃE: Mas é claro, coisa boa é ter a família reunida, minha filha! Depois de tudo que o Jurandir passou, coitado! Foi até preso injustamente, ele precisa se recuperar agora!

JURANDIR: Que saudade que eu tava da sua comida, minha velha! Feijão de mãe é o melhor do mundo! Olha que vou até repetir!

LEDA: Aproveita pra repetir mesmo Jurandir, porque essa mordomia toda eu tenho certeza que você não ia ter lá na delegacia, com aquela gorro-roba que eles servem lá, cruz-credo... aqui você tá é no céu, com comida bem servida, roupa engomada, tudo no jeito! Você bem que poderia lavar a louça dessa vez!

JURANDIR: Quê isso, Leda...

MÃE: Leda, minha filha, tenha paciência com seu irmão que acabou de voltar pra casa! Ele não sabe fazer isso direito. Quando Jurandir lava, deixa tudo sujo e eu tenho que ficar lavando de novo... além do mais, ele é homem, não tem que ficar lavando a louça, você pode muito bem fazer isso, Leda.

LEDA: Ah, pel'amor de Deus, mãe! Jurandir tem que fazer alguma coisa dentro dessa casa, ele não faz nada, não varre um chão! O que que custa? E tem outra também, desde que ele voltou, a conta de luz está nas altura. Você bem que podia pagar a conta de luz desse mês, Jurandir, já que você é o que mais demora no banho!

MÃE: Ele tá resolvendo os problemas da loja dele, filha, você sabe que as coisas não tão fáceis, outro dia ele não comprou o ferro de passar aqui pra casa?

LEDA: Isso é porque ele não queria sair com a roupa toda amassada pra rua afora! E a senhora ainda fica lavando e passando pra ele! Coitada da Rozana que te aguentou esse tempo todo, viu... aquela mulher é uma santa! Ainda bem que ela se livrou de você, porque foi você separar dela que a vida dela só melhorou! Tá bonita, a danada! Arrumou um emprego, tá indo na igreja todo domingo... Graças a Deus! Olha, Jurandir, você deu sorte que aquela exploradora da Marilda teve pena de você e te tirou da cadeia, viu...porque se dependesse de mim...

MÃE: Aquela Marilda não fez mais que obrigação em soltar o Jurandir. Pôs foi feitiço na cabeça do meu filho, porque não tem explicação você ter largado a Rozana daquele jeito! Não gosto nem de falar.. mas logo, logo o Jura vai tomar prumo na vida de novo!

LEDA: Não tem jeito, mãe! Esse daí nasceu pra ser burro de carga, a senhora pode desistir, porque logo ele dá um jeito de morrer dando luxo praquela safada da Marilda! Ela pegou todo o dinheiro dele e agora tá

lá naquela casa no bem-bom! A gente que tá aqui fodido mesmo nesse barracão horroroso!

JURANDIR: Espera aí, Leda! Não fala mal da Marilda assim, ela não é isso que você tá dizendo, ele é mulher boa, mulher direita. E que ela pegou meu dinheiro, o quê? Ela tem o dinheiro dela. Tá certo que eu terminei de construir a casa da gente, tava bonita, mas eu ainda vou voltar pra Marilda!

LEDA: Mulher direita aonde?! Se até o emprego bom que você tinha, ela te tirou de lá! te deixou sem nada, hêmi! Essa mulher é uma exploradora!! Isso sim!

JURANDIR: VÁ À MERDA! ÓH, LEDA, VAI SE METER COM A SUA VIDA ENTENDEU?! Eu vou retomar o meu negócio de material de construção e você vai ver só! Eu volto pra Marilda e não vejo a sua cara nunca mais. Você tá com inveja porque nunca arrumou um homem. VÁ CAÇAR UM HOMEM PRA VOCÊ, VAAAI!

(Som de porta batendo forte)

MÃE: Essa foi a falta de sorte da sua vida meu filho... se meter com essa Marilda...

(Som da Voz do Brasil...)

LEDA: Shiiii, escuta, mãe! Deixa o Jurandir pra lá! Já vai começar a Voz do Brasil... *(Som de rádio)* diz que agora o General Geisel vai construir uma hidrelétrica lá pros lados do Paraguai... e ontem pegaram mais um vizinho daqui, mãe... levaram lá pro DOPS... sei não o que o malandro fez, coisa boa não foi.

MÃE: Uai, minha filha... sei não. Tempos estranhos esses... como é que pode entrar na casa assim do moço só porque ele começou a estudar na universidade?

(Som fim de flashback)

Cena III

(Jurandir, Nelson e Carioca estão no bar. Nelson é o mais sóbrio dos três e Jurandir o mais bêbado. Ambientação de bar.)

NELSON: Jura, você não acha que já bebeu demais, não? Acho que já tá passando dos limites.

JURANDIR: Limites... *(Risos)* Que limites? Larga de ser chato, Nelson. Beber é a única coisa que me alivia a saudade que eu sinto da minha Marildinha. A minha Marildinha... *(Solução de bêbado)*

CARIOCA: *(Bêbado)* Ai, Jurandir ninguém aguenta mais esse lenga-lenga, não. Vira o disco, homem. *(Virando-se para Nelson)* Ô, Nelson, eu sei que a gente combinou, mas eu vou ter que contar pra ele.

JURANDIR: Contar o quê?!

CARIOCA: Calma aí, Jurandir, eu preciso conversar com o Nelson primeiro...

NELSON: Cala boca, Carioca. Ainda não é a hora de contar. Ele tá bêbado.

CARIOCA: Uai, eu também tô.

JURANDIR: Se vocês não me contarem agora o que tá acontecendo eu acabo com a raça dos dois. *(Silêncio)*

CARIOCA: Ô, Jurandir, a Marilda já tá é com outro. Pronto, falei!

JURANDIR: É mentira isso! Não... é mentira... É MENTIRA! Vocês tão tirando uma com a minha cara.

NELSON: Não é mentira, não, Jura. Ela apareceu lá na obra esses dias pra visitar o Seu Milton com o namorado novo. Tavam de mão dada e tudo. Boa pinta o novo namorado da Marilda!

CARIOCA: E ela fez questão de falar bem alto pra todo mundo ouvir que ele era o homem da vida dela e que os dois vão casar em breve.

JURANDIR: A minha Marildinha não ia fazer isso comigo. Não ia.

CARIOCA: De *sua* ela não tem mais nada. Acorda, homem. Bola pra frente!

JURANDIR: (*Chorando*) MAS NÃO PODE SER....

NELSON: Levanta essa cabeça e segue tua vida, Jura. Olha o tanto de mulher que tem aqui. Esquece a Marilda.

JURANDIR: Como que esquece uma mulher daquela, Nelson. Mas eu já sei. (*Secando as lágrimas*) Eu vou me reerguer. Eu vou reabrir a minha loja de material de construção e ficar bem tranquilo na vida. O Brasil tá crescendo! O milagre econômico! Não é o que dizem por aí?

CARIOCA: Isso!

JURANDIR: E quando eu tiver bem de vida (*Pausa*) eu vou atrás da Marilda.

CARIOCA: Aí, não. Aí lascou-se....

JURANDIR: Como que eu não pensei nisso antes? Se a gente foi feliz quando eu não tinha nada, imagina como não vai ser quando eu tiver dinheiro? Ela vai até poder parar de trabalhar e ficar o dia inteiro cuidando da casa igual ela gosta. Ah, é isso. E é bom que até lá ela já vai ter visto que eu não sou de fazer aquilo e vai largar esse outro. Fiz porque eu estava nervoso. Mas eu sou uma pessoa boa. Eu tenho um bom coração. E eu gosto dela!

NELSON: Ô, Jura! A gente te conhece bem quando cê fica nervoso, rapaz! E parece que você não escuta o que a gente tá falando. Cê não tem jeito mesmo.

JURANDIR: Vocês sabem que eu sou osso duro de roer. Todo mundo sabe disso. E a Marilda também sabe que eu sou fogo na roupa. Vocês vão ver, a gente vai ficar junto. EU VOU VOLTAR PRA MARILDA. Um brinde à Marilda!

(Sons de copos batendo)

TODOS: Um brinde à Marilda!

(Música de encerramento da novela)

Fim da radionovela

Ficha técnica
A VOLTA PARA MARILDA
RADIONOVELA BASEADA NA OBRA DE OSWALDO FRANÇA JÚNIOR

Realização: Acervo de Escritores Mineiros
Projeto de extensão: Leitura dramática e encenação no AEM
Orientação acadêmica: Profa. Elen de Medeiros
Dramaturgia: Ana Bea Cucaroli, Elen de Medeiros, Felipe Oliveira e Mariana Nolaço
Atuação: Ana Bea Cucaroli, Arthur Barbosa, Felipe Oliveira e Mariana Nolaço
Edição de som: Mariana Nolaço
Pecas gráficas: Mariana Nolaço
Agradecimentos: Teatro Universitário, Larissa Bocchino, Sadallo Andere, PROEX, CENEX/FULFE, Breno Rodrigues



Sobre os autores

Ana Beatriz Cucaroli: É artista formada em teatro pelo curso profissionalizante do Espaço Cênico, localizado em Belo Horizonte. Também é graduanda do bacharelado em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da UFMG e estudante da Escola de Artes Visuais do CEFART-MG.

Arthur dos Santos Barbosa: É ator e produtor cultural. Formado pelo curso técnico do CEFART (Centro de Formação Artística e Tecnológica da Fundação Clóvis Salgado – FCS-MG) e pela Escola de Teatro PUC Minas. Atualmente é graduando em Teatro (Licenciatura) pela UFMG e desenvolve pesquisa na área de dramaturgia e conservação de acervos literários.

Elen de Medeiros: É professora de Literatura e Teatro da Faculdade de Letras da UFMG, doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Desenvolve pesquisas na área de dramaturgia, teatro brasileiro, teoria do drama moderno e contemporâneo.

Felipe Oliveira: Ator e educador, iniciou seus estudos artísticos no curso livre do Ponto de Interação nas Artes (PINA). Estudante do Curso Técnico do Teatro Universitário e do Curso de Graduação em Teatro – ambos pela UFMG. Atualmente, pesquisa educação em museu e relações étnico-raciais.

Marcelo Novaes: Graduado em História e Técnico em Assuntos Educacionais do Acervo de Escritores Mineiros/UFMG (CELC/FALE).

Mariana Nolaço: Formada pela escola técnica Teatro Universitário/TU-UFMG (2016) e iluminadora cênica formada pelo Centro de Formação Artística do Palácio das Artes (CEFART) (2016). Atualmente é graduanda em teatro-licenciatura também pela UFMG, além de bolsista no Acervo de Escritores Mineiros.



**Para acessar os episódios gravados da radionovela
aponte a câmera para esse QR code:**



**Para conferir mais trabalhos do Acervo de Escritores
Mineiros, acesse nossas redes sociais:**



@escritoresmineiros



Acervo de Escritores Mineiros

Publicações Viva Voz de interesse para a área de estudos literários

De quebrada: não procure no centro

Karine Bassi (Org.)

Leandro Zere (Org.)

Joi Gonçalves (Org.)

Futebol: Fato social total

Elcio Loureiro Cornelsen (Org.)

Francisco Ângelo Brinati (Org.)

Gustavo Cerqueira Guimarães (Org.)

Criadores e Criaturas na Literatura II

André Mendes (Org.)

Emília Mendes (Org.)

Lyslei Nascimento (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: <<https://labed-letras-ufmg.com.br/>>

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

V935

A volta para Marilda: roteiro completo e processo de criação /
Organizadora: Elen de Medeiros – Belo Horizonte: Faculdade
de Letras da UFMG, 2021. (Viva Voz)
117 p.: il.

ISBN: 978-65-87237-26-8 (digital)

ISBN: 978-65-87237-25-1 (impresso)

1. França Júnior, Oswaldo, 1936-1989 – Adaptações. 2. Ficção
brasileira. 3. Radionovelas – Brasil. 4. Criação literária. 5.
Adaptações literárias. I. Medeiros, Elen de. II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título. IV. Série.

[CDD](#) : 801.95



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 90 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.